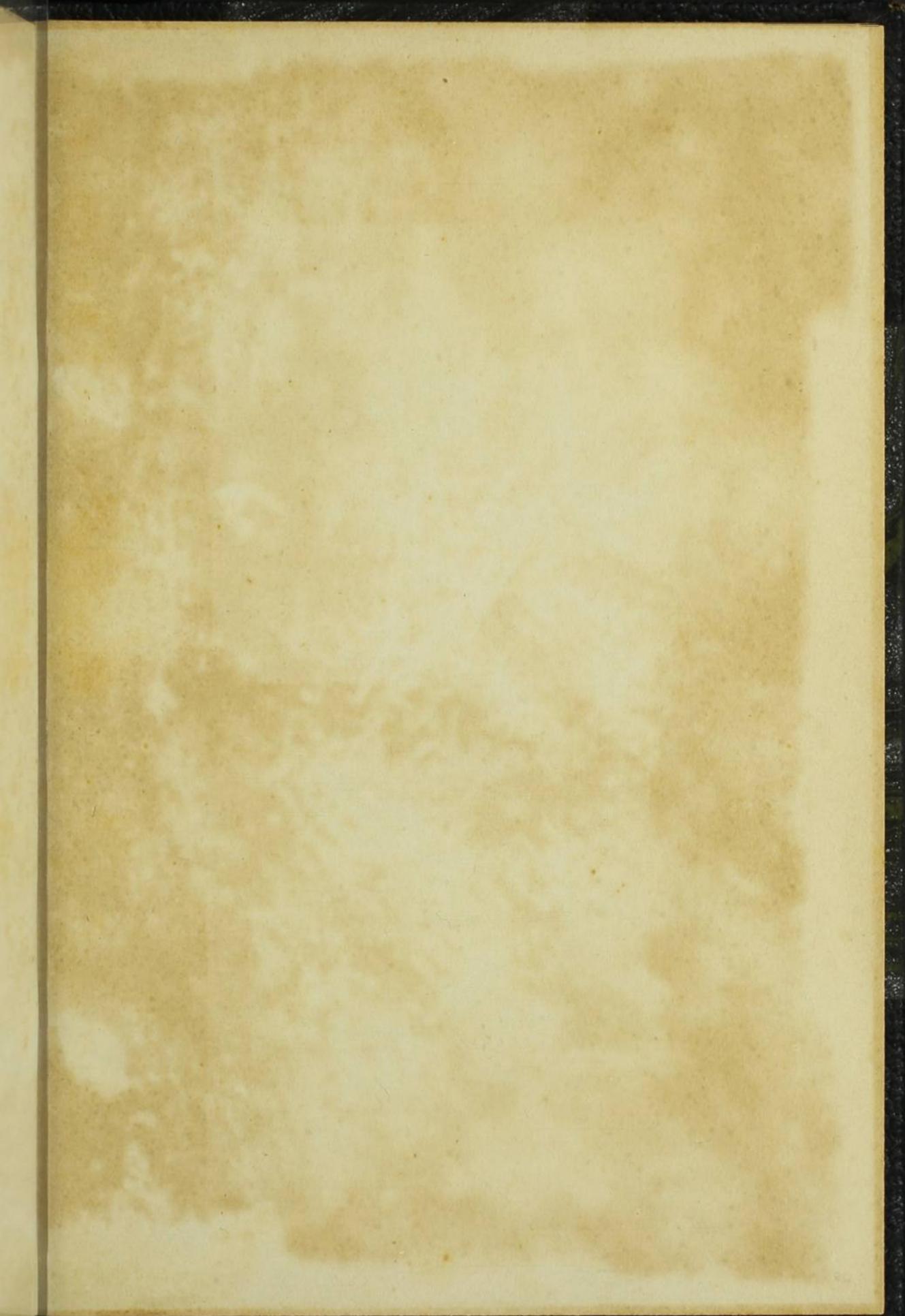


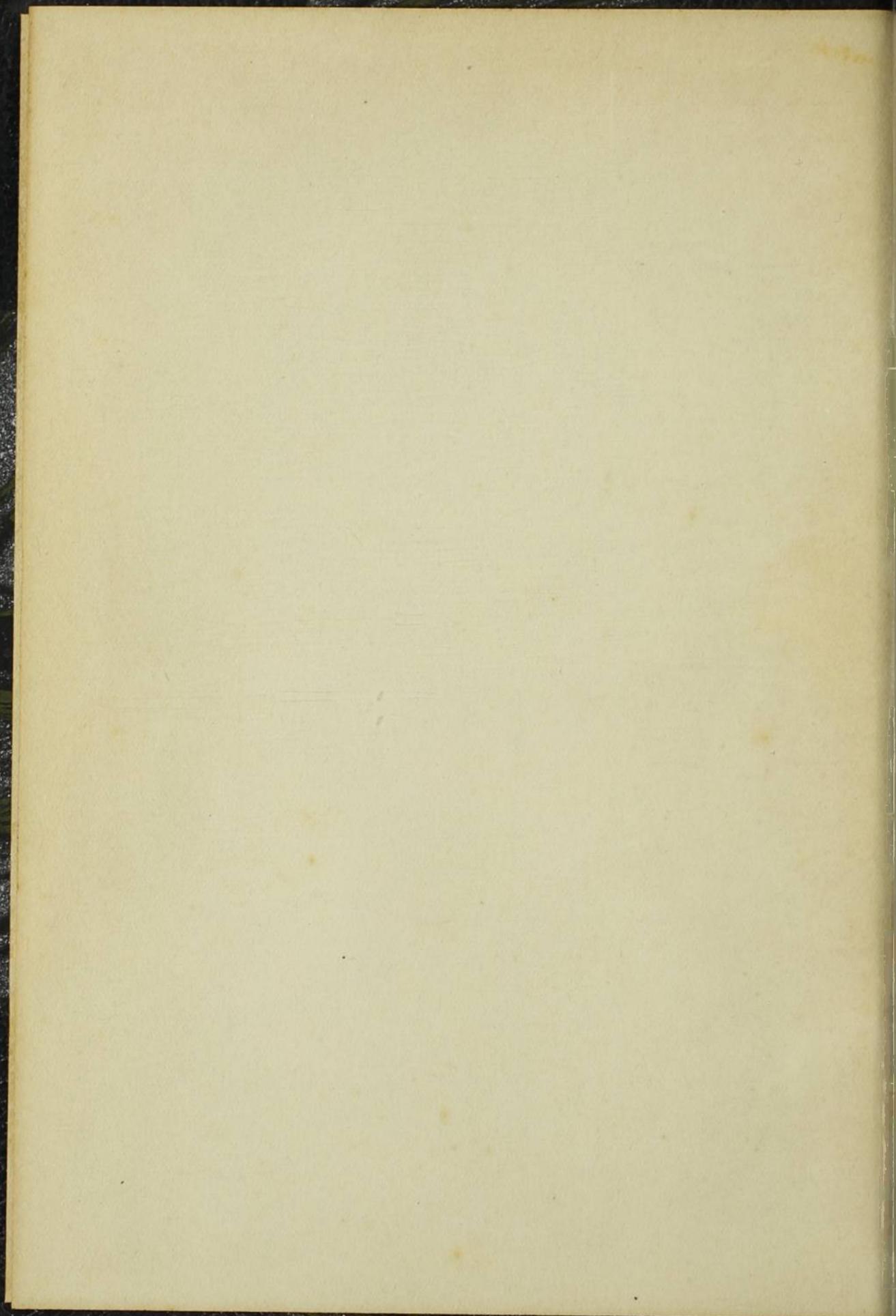
le ne fay rien
sans

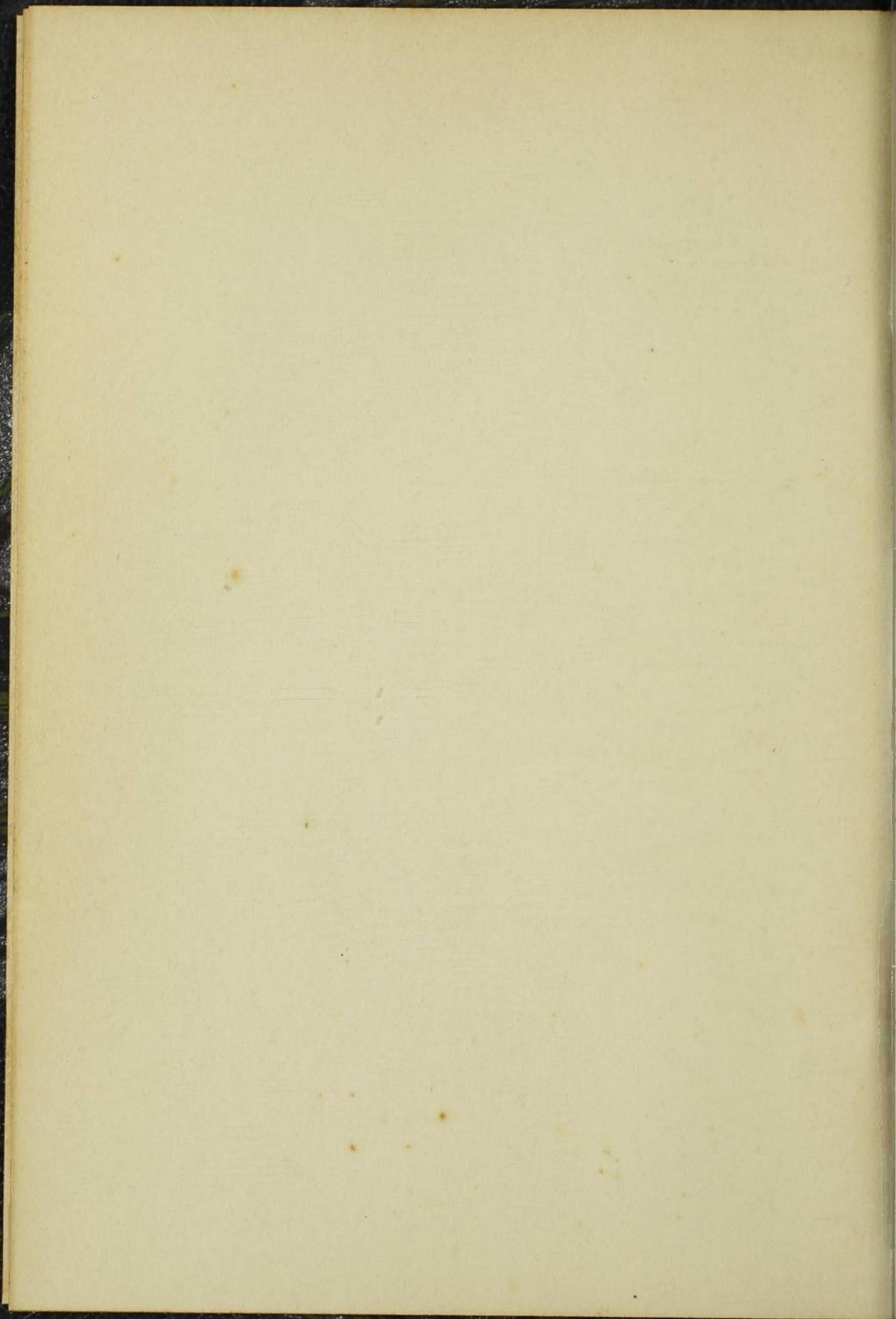
Gayeté

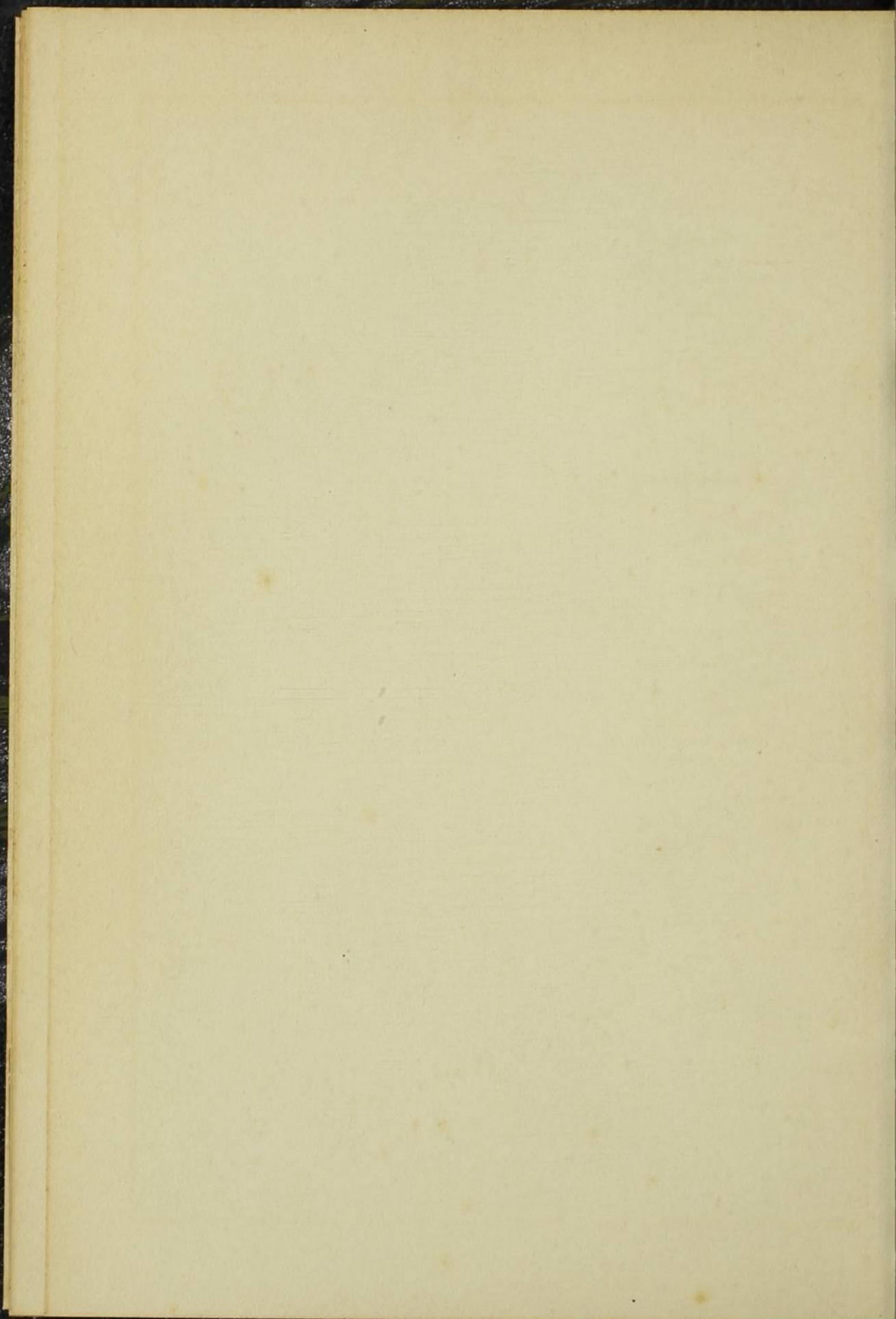
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin









O
MOVIMENTO
DE 1887

Tacito de Almeida

MCMXXXIV

0

Co
L
i
a

O MOVIMENTO DE 1887

Conferencia realizada pelo
Dr. Tacito de Almeida no
Club Athletico Bandeirante,
em 20 de Agosto de 1934

Oo Fernando Simões, para que se
lembre do que já fizeram os
situações e resolve a fazer
ainda mais, of o

SÃO PAULO
1934

Tacito
J. Paulo $\frac{10}{12}$
34

A
mane
historia
despida
ções off
dos com
SES be
saber
Pr
TO. B
fins do
SÃO P.
si mem
isso, po
estupen
glorios
S
RO. C
NEZES
se inici

A historia de SÃO PAULO, a historia sem romance nem artificios, a historia sem mascaras, a historia verdadeira, a historia que palpita e vive, despida da roupagem apparatusa das commemorações officiaes, liberta das manobras fraudulentas dos compendios escolares, encerra QUATRO PHASES bem nitidas, bem marcadas, bem definidas, a saber:

PRIMEIRA PHASE: PHASE DO ISOLAMENTO. Phase da liberdade completa. Perdura dos fins do seculo XVI até principios do seculo XVIII. SÃO PAULO é uma republica livre, governada por si mesma, entregue a seus proprios filhos. E por isso, por seu isolamento, por sua liberdade, por sua estupenda separação, SÃO PAULO torna-se o berço glorioso de bandeirantes e descobridores.

SEGUNDA PHASE: PHASE DO CAPTIVEIRO. Começa com D. RODRIGO CESAR DE MENEZES, em 1721, e prolonga-se até 1821, quando se inicia o governo das juntas eleitas por paulistas.

É o periodo da decadencia. Sem a liberdade e o isolamento, já não apparecem mais bandeirantes.

TERCEIRA PHASE: PHASE DA MUDANÇA DE DONO. SÃO PAULO, para separar-se do dominador ostensivo, PORTUGAL, une-se a MINAS e ao RIO DE JANEIRO. Faz a independencia do Brasil. Mas, logo depois, verifica ter sido victima de um logro. Libertára-se de PORTUGAL, mas não obtivera a liberdade. Continua preso, coagido, oprimido, avassallado. Só mudaram os donos: em vez dos portuguezes, os brasileiros.

QUARTA PHASE: PHASE DA SEPARAÇÃO DEFINITIVA. Tem começo logo depois de 1822. Desponta em sussurros de descontentamento. Usa o "travesti" do federalismo. Chega a empunhar a espada em 1842. Resplandece em 1887. Sofre um deliquio em 1889. Mas, abafada, reprimida, continúa até hoje.

*
* * *

Dessas quatro phases, as tres primeiras já foram amplamente expostas nas aulas anteriores do nosso curso. Resta a quarta, a ultima.

Não é possivel omittil-a. Fazel-o seria mutilar a nossa historia, seria desfibrar o nosso passado.

Portanto: mãos á obra.

M U D A N Ç A D E D O N O

No decorrer do seculo XIX, grandes movimentos agitam a historia paulista. Ainda mal refeitos das sangrias e vexames do captiveiro, mas inspirados por homens superiores ao meio e á época, tentam os paulistas uma renovação radical. PORTUGAL, por ser a metropole, por ser o dominador directo, é considerado o inimigo. E por isso querem os paulistas sacudir o jugo lusitano. Independentes de PORTUGAL, seriam livres...

Mas como libertar-se? Circundados de colonias portuguezas, poucos em numero, esgotados pelos trabalhos das conquistas, da mineração e das guerras do sul, ainda respirando o ar insalubre do absolutismo universal, dispersos por seu vasto territorio, sem communições rapidas nem meios efficazes de defesa, qualquer lucta isolada seria impraticavel. E por isso, sob a ferrea orientação dos ANDRADAS e outros vultos eminentes da época, promovem uma alliança com alguns vizinhos, os mais proximos, do RIO DE JANEIRO e de MINAS, para a campanha da independencia.

Independencia? Não. Nas palavras mesmas de OLIVEIRA LIMA, o que se verifica é uma simples transação. Uma curiosa transação entre o

elemento nacional e o reaccionarios “sobre a base da Dynastia de Bragança, personificada no seu rebento capital” (O Movimento da Independencia, pg. 7).

Isso, para o Brasil. Para São Paulo, o que ha é tão sómente uma substituição de senhor. Em vez de portuguezes, brasileiros. Em vez de capitania de PORTUGAL, provincia do BRASIL.

O LOGRO DESVENDADO

Não custaram os paulistas a perceber o logro. A liberdade, a separação que tanto almejaram, havia sido uma comedia.

Assim é que, dois annos depois da independencia, em 2 de setembro de 1824, D. PEDRO I, em carta ao MARQUEZ DE VALENÇA, denuncia a existencia de um movimento revolucionario, de caracter republicano, em SÃO PAULO:

“Convindo devassar em SÃO PAULO sobre a correspondencia dos Tamoyos (o grupo dos ANDRADAS), e a trama que elles tinham armado para no dia 12 de novembro FAZEREM UM BARULHO PARA INSTALAREM UMA REPUBLICA, he necessario que

V. Me. me mande uma relação DAQUELLES QUE SERÁ NECESSARIO REMOVEREM-SE DA PROVINCIA para melhor se poder devassar, sendo com especialidade ALGUMAS CABEÇAS DE VENTO QUE HA EM ITÚ E SO-ROCABA. Fica esperando resposta este seu IMPERADOR". (Annaes do Museu Paulista, I, 2.a P., 483).

Ahi está: SÃO PAULO reage contra a opressão do centro. E o centro inicia aquelles processos tão communs de vingança e coacção: a devassa e a remoção, o exilio de alguns chefes paulistas para o BRASIL. Os processos covardes de sempre.

Nesse mesmo anno de 1824, no dia 7 de setembro, ha festejos officiaes em SÃO PAULO. Mas os verdadeiros paulistas não participam delles. Alguns, conforme conta o Mestrinho, ANTONIO MARIANO DE AZEVEDO MARQUES, recusam-se, accintosa e escandalosamente, a cantar o HYMNO BRASILEIRO, o Hymno do Imperio... (Annaes do Museu Paulista, IV, 397).

Em vez de gente sua no governo da sua terra, veem os paulistas gente estranha, como antes de 1822. E soffrem. E em março de 1825, quando governa a nossa provincia um mineiro (aliás dos melhores), o DR. LUCAS ANTONIO MONTEIRO

DE BARROS, narra o Mestrinho, em carta intima a seu irmão, o desgosto dos paulistas, concluindo nestes termos amargos: "A PATRIA DOS ANTIGOS PAULISTAS GEME SOB A OPPRESSÃO DE CAIPIRAS MINEIROS MUITO ROTOS..." (Annaes cit., IV, 406).

Isso, repita-se mais uma vez, apenas dois annos e alguns mezes depois de 7 de setembro...

F E D E R A L I S M O

Em 1831, procuram os paulistas uma formula de allivio. E, cogitando de afrouxar os laços que os prendem ao Brasil, organizam o unico movimento possivel naquella época: o movimento federalista.

Em seu jornal — O OBSERVADOR CONSTITUCIONAL — batem-se pela federação das provincias. Querem ao menos um pouco de liberdade. Querem gente sua nos seus cargos publicos. "A maior parte das provincias — escrevem os paulistas de 1831 — tem homens que possam curar de seus interesses com mais affinco, e proveito; estando elles mais em contacto com suas necessidades, e limitados em seus cuidados aos negocios provinciaes, podem melhor conhecer e prover ao que lhes fôr mis-

ter, do que um Governo que, distante leguas, ignora na realidade a maior parte de suas necessidades, e **FINGE IGNORAR**, por qualquer motivo, a maior parte das outras . . .” (Af. de FREITAS, A Imprensa Periodica de São Paulo, p. 33).

É a revolta contra o poder central. Revolta surda, sob a capa do federalismo, formula commoda para conciliar o verdadeiro ideal — a separação — com certas contingencias momentaneas.

Em 1834, o **ACTO ADDICIONAL**, alargando as franquias provinciaes, põe agua na fervura. Por outro lado, **SÃO PAULO** participa do governo central, principalmente com **FEIJÓ** no Ministerio da Justiça e depois na Regencia. Em São Paulo, na presidencia da provincia, succedem-se alguns paulistas notaveis, como o **BRIGADEIRO TOBIAS**, **PIRES DA MOTTA**, **FRANCISCO ANTONIO DE SOUZA QUEIROZ** . . . E São Paulo silencia . . .

A R E V O L T A D E 4 2

Em setembro de 1837, o extraordinario **FEIJÓ** abandona subitamente a Regencia. Num daquelles seus rasgos extraordinarios de energia e concisão, confessa que larga o poder porque o **BRASIL E' INGOVERNABEL**. E retorna á sua patria paulista.

Passam-se alguns annos e, em 1842, a oppres-
são brasileira volta a accentuar-se contra os pau-
listas. Leis compressoras, votadas no Rio de Ja-
neiro, coarctam a actividade bandeirante. O ACTO
ADDITIONAL, por uma lei interpretativa, é muti-
lado na parte que mais interessava a SÃO PAULO.
Um ministerio anti-paulista fecha ouvidos a queixas
e solicitações. Alguns homens (da melhor gente de
nossa terra) indo ao RIO para entregar altivo e jus-
to protesto da nossa Assembléa, não são recebidos.
Accende-se o estupim da revolta.

Nesse anno, dirige os destinos de SÃO PAULO
um bahiano, o primeiro caça-dotes brasileiro, que
aqui viéra em busca de fortuna, casando-se com
uma viuva paulista, muitos annos mais velha que
elle, mas riquissima. No seu jornal, O TEBY-
RIÇÁ, profundamente bairrista, clamam os paulis-
tas. Suas queixas são formuladas com vehemen-
cia, até em versos. Vêde estas quadrinhas, que
elles intitulavam HYMNO DA BAHIANADA (AF.
DE FREITAS, ob. cit., p. 85):

*“Os Paulistas são captivo,
são captivo dos bahiano,
que delles podem dispô
como Sinhô Soberano!”*

*Bahia é cidade
Paulicéa é grotta,
Viva Monte Alegre,
Morra Patriota!!*

*Iôião Barão é bahiano,
é bahiano o inspectô,
é bahiano o Juiz do Civre,
e até mesmo o Promotô!"*

A onda de revolta avoluma-se. O BRIGADEIRO TOBIAS levanta-se. FEIJÓ, em seu jornal de SOROCABA, intitulado O PAULISTA, escreve phrases candentes, profligando os invasores e procurando erguer os paulistas, de armas na mão, contra o poder central: "A provincia de SÃO PAULO — diz elle — tem sido divertimento do ministerio actual, que assentou em fazer della propriedade dos bahianos. Que infelicidade a nossa! que até passamos a ser governados por pessôas estranhas, julgados assim indignos dos cargos publicos de nossa terra!" (Fragmentos Historicos Politicos — A revolução de 1842 em São Paulo, Typ. Americana, S. Paulo, 1868).

Ha quem assegure, como TITO FRANCO, escriptor do Pará, que a revolta paulista de 1842 ti-

nha caracter não só federalista e republicano, mas realmente SEPARATISTA (Monarchia e Monarchistas, pag. 203). É esse um problema difficil de desvendar-se por emquanto, dada a escassez de documentação a respeito. O certo, entretanto, é que FEIJÓ faz transparecer o fundo separatista do movimento, embóra de modo muito velado, num de seus maravilhosos artigos sobre as causas da revolução: “Se o governo — diz FEIJÓ — longe de ouvir-nos, procurar hostilizar-nos, e nos puzer na necessidade de lançar mão de medidas extremas, será então necessario ADOPTAR AFINAL EXTREMOS, PARA RECUPERAR O PERDIDO, E VIVERMOS COM HONRA E DIGNIDADE QUE COMPETE A HOMENS LIVRES, PRINCIPALMENTE A PAULISTAS. Portanto — ameaça FEIJÓ — abirão os olhos todos os INTERESSADOS EM A NOSSA UNIÃO; lembrem-se de que OS PAULISTAS SÃO DEMASIADAMENTE SOFFRIDORES, MAS QUE, PERDIDA A PACIENCIA, NADA É CAPAZ DE OS FAZER MUDAR DE OPINIÃO”. “Agora só queremos S. M. I. com a constituição jurada, e nada mais: POREM... AO DEPOIS... QUEM SABE O QUE SERÁ! Não nos obriguem, não nos violentem; JÁ TEMOS SIDO MUITO PROVOCADOS. Lembrem-se que PAULISTAS NÃO RECUAM” (Frag. cits.).

Essa a palavra vibrante de FEIJÓ. É a palavra official de um chefe de revolta. E quem está habituado a ouvir a palavra official, ha de facilmente perceber, nas entrelinhas, o pensamento do povo, sempre mais vermelho que as expressões de seu traductor. No fundo, o que FEIJÓ diz é o mesmo pensamento daquella phrase dilemmatica tão nossa conhecida: “Com o Brasil si fôr possível, contra o Brasil si fôr preciso...”

É vencida a revolta. Os paulistas não estão unidos. A capital, entregue ao bahiano MONTE ALEGRE. E Minas, com que contaram os paulistas (a velha historia de sempre), falhou no momento inicial, permittindo ao Governo dispôr tranquillamente de suas tropas, distribuindo-as e transportando-as, consecutivamente, pelas diversas zonas de operações.

P R E P A R A T I V O S

O desfecho infeliz da revolta de 42 deixa os paulistas desesperados, mas desprovidos de meios para uma reacção immediata. E principia então uma série de annos amargos, num mixto de oppressão e de progressos lentos.

São Paulo quer progredir, avançar, conquistar

o relativo bem-estar que seus recursos e seu trabalho permitem. Mas a hydra brasileira ahi está, inflexivel, por todos os lados, a consumir-lhe as melhores energias.

Presidentes turistas, politicos sem emprego, protegidos imperiaes são enviados para dirigir nossos destinos. Muitos aqui estabelecem sua tenda, como simples cabos eleitoraes do governo central, incumbidos de organizar, manter ou controlar a machina das votações, em beneficio do partido mais favorecido pelo imperador. É um novo processo de ludibriar SÃO PAULO: forçar os paulistas a votar nos adversarios, a dar armas aos inimigos.

Dos 71 presidentes que dirigem nossa terra no periodo monarchico, 43 são de fóra. Ha épocas, como a de 1852 a 1860, em que somos obrigados a aguentar DEZ presidentes brasileiros, e um só paulista! Uma desorganização completa, uma anarchia e uma affronta, um peso morto, a aniquilar esperanças.

Sem auxilio algum do governo central, contando apenas com restos de seus proprios recursos e a energia tenaz de seus filhos, SÃO PAULO atira-se ao trabalho penoso mas fecundo, lento mas compensador, das grandes iniciativas economicas. Estradas de ferro são construidas, com capitaes paulistas, por gente paulista, em todo o territorio pau-

lista. Com excepção da SÃO PAULO RAILWAY, todas, absolutamente todas as nossas estradas actuaes foram construidas por paulistas. As duas unicas, hoje pertencentes ao Governo Federal, não foram por elle construidas: foram apenas ENCAMPADAS, depois de promptas, depois dos prejuizos naturaes dos primeiros tempos, quando começaram a surgir as primeiras rendas (MANOEL OLYMPIO ROMEIRO, São Paulo e Minas da Economia Nacional).

Ao lado das estradas, grandes fazendas cafeeiras são abertas e cultivadas, em larga escala. Numa avançada vertiginosa pelo sertão, numa lucta feroz contra a floresta, o paulista vai semeando e plantando por todo o solo de sua provincia. Levas consideraveis de immigrants, custeadas em sua maior parte pelo cofres paulistas, aqui chegam de pontos diversos da Europa.

SÃO PAULO constróe, em surdina, o seu destino...

M U R M U R I O S

Esse progresso maravilhoso, enquanto outras provincias declinam, esse entreabrir de uma nova civilização, apesar da intervenção debilitante do fisco brasileiro, vão animando os paulistas, dando-lhes consciencia de sua superioridade e, ao mesmo

tempo, alimentando um sentimento de natural desgosto, de sincera e justa revolta. Começam a perceber que não lhes convem fazer parte de uma sociedade, na qual entram com capitaes e trabalho, apenas recebendo, em compensação, negros foragidos do norte, presidentes nascidos em outras plagas, funcionarios de terras alheias, leis formuladas por gente estranha, e a morte ingloria nas guerras estereis. E, pouco a pouco, vai nascendo em seus espirito e deitando raizes em seu coração, surdamente, o ideal separatista.

É o mesmo velho ideal que os arrastára ás luctas de 1822, quando pleitearam a sua separação de PORTUGAL. Si se rebellaram contra a metropole portugueza, que lhes déra vida e onde estavam seus antepassados mais remotos, porque não haviam de rebelar-se contra simples socios, ingratos e dispendiosos?

Em 1870, organiza-se o Partido Republicano. O grito de guerra é a Republica, mas o ideal libertador é o facho que anima e conduz. A federação, principio basico do programma do novo partido, é simples formula de conciliação, uma clausula contractual de transigencia. É aquelle ideal que dá força e estimulo ao movimento, embora deformado e contrafeito nas vestes do federalismo.

Tanto é assim que, em 1877, ao inaugurar-se a estrada de ferro São Paulo-Rio, FERREIRA DE MENEZES, que não é paulista, escreve na GAZETA DE NOTICIAS do Rio de Janeiro um notavel artigo, transcripto na PROVINCIA DE SÃO PAULO de 7 de julho daquelle anno, affirmando positivamente o seguinte:

“O paulista, pela iniciativa, é poéta, poéta do progresso, poéta pratico. Seus versos são estes: bôas estradas, machinas, nevegação, lavoura, melhoramento”. “Ama-se (a si proprio) e por isso é bairrista como nenhum povo. A seus olhos a primeira qualidade que pôde por graça de Deus tocar a uma creatura é a de SER PAULISTA”. “O amor proprio do paulista alcança já o SONHO DE INDEPENDENCIA. Um PAIZ INDEPENDENTE, o querido torrão! Eis a IDÉA QUE SORRI-LHES DIA E NOITE! Todos os annos, sommam os paulistas o que receberam do governo geral e comparam com o que deram ao mesmo; ora, como já dão mais do que recebem, e sendo como são homens positivos, poétas praticos, JÁ MURMURAM: PORQUE NÃO HAVEMOS DE SER INDEPENDENTES?”

O M O V I M E N T O D E 1 8 8 7

“JÁ MURMURAM” — dizia FERREIRA DE MENEZES. E era bem isso, naquelle anno de

1877: o paulista ainda não falava, alto e bom som, o seu pensamento. MURMURAVA-O APENAS. Acariciava-o, apalpava-o, em segredo, como um fructo saboroso que vai amadurecer. O paulista MURMURA. O paulista aguarda melhores dias...

Esses dias não tardaram. Vieram, dez annos depois, em 1887.

Muda-se agora o scenario. Outros são os interpretes. Já não é mais em segredo, em voz baixa, que os paulistas falam em separação. Falam della abertamente, publicamente, em comicios e sessões civicas, em folhetos e nas columnas da imprensa. Falam calma e desassombradamente, como se deve falar. Discutem, com toda a naturalidade, como si discutissem as vantagens do parlamentarismo, ou do presidencialismo. Propagam, livremente, o seu ideal.

(a) A 11 de fevereiro de 1887, pelas columnas do DIARIO POPULAR, o DR. FRANCISCO EUGENIO PACHECO E SILVA, levanta a flam-mula do separatismo, em termos de combate, como aspiração maxima dos paulistas. Descendente de bandeirantes, bisneto de ANTONIO PACHECO DA SILVA, o opulento sargento-mór de ITÚ, que participará de diversas bandeiras no sertão de GOYAZ, era o DR. PACHECO E SILVA um estudioso de problemas economicos e sociaes, republicano de

1870, membro da CONVENÇÃO DE ITÚ, collaborador de varios jornaes, principalmente do DIARIO POPULAR e do ESTADO DE SÃO PAULO, então chamado A PROVINCIA DE SÃO PAULO.

“Do modo pelo qual as coisas correm — escreve o Dr. Pacheco e Silva — só a absoluta falta de patriotismo e de coragem civica póde conservar um filho ou habitante da provincia de SÃO PAULO, indifferente á questão da separação”. Explorando a tecla da “absurda desproporção entre os lucros e perdas” que advinham da união de SÃO PAULO com o Imperio, imagina o progresso colossal que a provincia, separada, poderia alcançar, si applicasse toda a sua renda “em promover os seus melhoramentos materiaes e na diffusão de conhecimentos uteis á elevação do nivel intellectual e moral de seus habitantes”. (Zona Paulista, 1887, typ. do Diario Popular).

(b) Publicado esse primeiro artigo, logo no dia seguinte, a 12 de fevereiro, o jornal A PROVINCIA DE SÃO PAULO, actualmente O ESTADO DE SÃO PAULO, abre suas columnas para uma campanha tenaz e convincente a favor da separação. O DR. JOAQUIM FERNANDO DE BARROS, que della se encarrega, é tambem um distinctissimo paulista, infatigavel batalhador, descendente em linha recta e legitima de PEDRO VAZ DE BARROS,

fidalgo portuguez que viéra para SÃO PAULO em 1600. Seus antepassados são os PAES DE BARROS, os PEDROSO DE BARROS, bandeirantes audazes. Deixemol-o, porém, compôr o auto-retrato: “Quando á nacionalidade, — diz elle — é escusado dizer que SOU PAULISTA; como politico sou republicano militante, SEPARATISTA A TODO TRANSE; como cidadão tenho o gozo de todos os direitos civis e politicos; como particular, vivo, independente de governo ou qualquer entidade, dos rendimentos de meus estabelecimentos industriaes, onde dou a ganhar a mais de 50 homens livres...” (A PATRIA PAULISTA, 1887, Im. na Typ. d’A Provincia de São Paulo).

Sob a forma de CARTAS A FEPS, pseudonymo do Dr. PACHECO E SILVA, o DR. FERNANDO DE BARROS escreve, mezes a fio, no jornal de RANGEL PESTANA, pregando o separatismo, esclarecendo a posição dos separatistas, e principalmente propondo alvitres para apressar a realização do grande ideal. Seu sonho dourado é ver a provincia passar a denominar-se ESTADO DE SÃO PAULO, independente, soberano, livre do Brasil: “Como não será bonito — exclama certa vez — quando SÃO PAULO puder mandar annunciar no TIMES ou no NEW YORK HERALD e ou-

tros jornaes do antigo e novo mundo, o seguinte: A provincia de SÃO PAULO, tendo liquidado os seus negocios com a antiga firma BRASIL BRAGANTINO, CORRUPÇÃO & CIA., declara que constitue-se em NAÇÃO INDEPENDENTE com a sua firma individual. Promette, em suas relações com outras nações, manter a bôa fé em seus negocios, rectidão, altivez e dignidade, em vez de duplicidade, velhacarias e covardias da antiga firma...

Do RIO DE JANEIRO, em correspondencia para o DIARIO POPULAR, alguém se lembra de apresentar objecções. Diz o correspondente que a separação é natural, mas que suas manifestações são imprudentes e inopportunas. E aconselha, em vez da separação isolada de SÃO PAULO, um movimento separatista simultaneo, em todo o Brasil, que partisse ou fosse dirigido do RIO DE JANEIRO, como cerebro do paiz. A isso, entretanto, responde o DR. FERNANDO DE BARROS: "O que é que há no actual momento que deva nos obrigar, a nós paulistas, a sopitarmos nos recessos do pensamento ESSA NOBRE E PATRIOTICA ASPIRAÇÃO DE VIVERMOS PARA NÓS DE AGORA EM DIANTE, já que até aqui temos vivido para os outros?". E acrescenta: "COMO PAULISTA SEPARATISTA, QUE COMBATO ESSA HY-

BRIDA UNIÃO POR MINHA CONTA E RISCO, preciso tornar bem claro o meu pensamento. Nada espero desse cerebro da capital do Estado (o Rio de Janeiro). Não conto com os agitadores e demagogos que não pódem produzir mais que arruaças e pequenas desordens. Conto, sim, com o espirito recto, claro e moralizado do paulista, **QUE POUCO A POUCO IRÁ DANDO EXPANSÃO Á ASPIRAÇÃO SEPARATISTA,** e na occasião opportuna a separação se fará, sem os temores do illustre correspondente do **DIARIO.** Se formos a esperar que esse **CEREBRO,** da capital, que funciona só para a devassidão e o gozo, tenha uma idéa que nos favoreça, estamos bem aviados”. E si houver reacção do Rio? Entende o **DR. BARROS** que qualquer reacção do centro só poderá ser benefica: “Tomáramos nós que o centro se lembrasse de contrariar por actos violentos esta propaganda; seria mais da metade da tarefa realizada; nossa ardente aspiração separatista estaria convertida em facto”.

Não é possivel repetir aqui a série immensa de argumentos e propostas desenvolvidas pelo **DR. BARROS,** em seus artigos a favor da separação. Reunidos em folheto, sob o titulo **A PATRIA PAULISTA,** estão publicados, á disposição dos estudiosos.

(c) Outro paulista que se dedica, em 1887, á propaganda separatista, é o DR. ALBERTO SALLES. Membro de tradicional familia, irmão do DR. MANOEL FERRAZ DE CAMPOS SALLES, cultor das sciencias sociaes, jornalista respeitavel, autor de varios livros preciosos, ALBERTO SALLES é um verdadeiro baluarte do separatismo. Atendo-se ao espirito da época, procura dar uma explicação scientifica ás suas idéas. Estuda a separação á luz de principios da biologia e da sociologia. Faz uma analyse conscienciosa da situação interna de SÃO PAULO, das extraordinarias conquistas já obtidas pelos paulistas. Deixa bem claro, como ponto capital, que o separatismo não é um simples movimento de revolta contra a centralização administrativa e politica do imperio, NEM MESMO UM EXPLODIR SENTIMENTAL DE ODIOS a outros povos que nos exploram. Esclarece que, em verdade, O SEPARATISMO E' O RESULTADO, A CONSEQUENCIA FATAL DE UM ESTADO DE AMADURECIMENTO, DE UMA FORÇA ECONOMICA E SOCIAL MUITO VIVA, REPRESADA EM LONGOS ANOS DE TRABALHOS E PADECIMENTOS, CONSOLIDADA PELO ESPIRITO DE INICIATIVA HONESTIDADE E TEIMOSIA DOS PAULISTAS. Mostra que SÃO PAULO é admiravel em relação ao BRASIL,

mas que ainda não é o que deve ser, em face de suas possibilidades e necessidades. Enumera as falhas internas, no commercio, no campo economico em geral, e patenteia que essas falhas só poderão ser preenchidas no dia em que SÃO PAULO se separar. Combate a attitude contemplativa, ou de méra expectativa, da imprensa e dos chefes do partido republicano, em face de problema tão grave e que não permite vacillações. Como soldado valioso desse partido, não concebe que os chefes, em suas proprias palavras, “olhando com pouco interesse para a questão do doutrinamento partidario”, tenham “voltado a sua actividade para os trabalhos materiaes do alistamento eleitoral, ambicionando ardentemente elevar a força do partido na escala da votação, mas descuidados completamente da urgente necessidade de esclarecimento das sciencias, na comprehensão e na assimilação das novas doutrinas”.

Não admite hesitações, nem timidos receios, nem explorações indignas. Escreve com seriedade e coragem. “Embora nos accussem — diz, parodiando um escriptor francez — embóra nos accussem, nos condemnem, nos prendam e nos enforcem, havemos de publicar sempre os nossos pensamentos. Fazel-o não é um direito; é antes um dever...” “Já não é licito mais duvidar — af-

firma convicto — a aspiração separatista é uma realidade, é um phenomeno, que existe no seio da provincia, que se complica cada vez mais, que faz rapido caminho no dominio das consciencias, que encontra adherentes por toda a parte, que fala ao coração, que estimula os brios e os preconceitos locaes, que cresce espontaneamente, vertiginosamente, que se avoluma a olhos vistos, que se generaliza, que se impõe ao pensamento e ao sentimento da provincia e que parece até mesmo, como declarou o DR. UBALDINO AMARAL, apoderar-se de todos os partidos e transformal-os radicalmente” (A PATRIA PAULISTA, 1887, typ. da Gazeta de Campinas).

Eram assim, destemidos e conscientes, os homens de 1887.

d) Si ALBERTO SALLES é tenaz e profundo na sua propaganda separatista, MARTIM FRANCISCO é grandioso, imponente, dominador.

Com seu espirito agudo, observações perfurantes, energica ironia, illuminado ás vezes de clarões geniaes, MARTIM FRANCISCO, herdeiro digno dos ANDRADAS PAULISTAS, é um legitimo heróe do separatismo.

Desde 1879, na Assembléa Provincial, inicia a defesa de sua terra, dando-lhe todo o seu carinho

e reivindicando para ella um futuro á altura de seu passado. “Dá pena — diz elle na Assembléa de 79 — dá pena ver tanta riqueza tão mal barateada; uma provincia que só por si poderia constituir um ESTADO e que, EM MENOS DE 10 ANOS de paz e de trabalho, SERIA A PRIMEIRA POTENCIA DA AMERICA DO SUL, em virtude do desgoverno, pôde ter por horizonte a bancarrota e o descredito”. Dois annos depois, em 1881, em circular ao eleitorado, lembra altivamente que “mais prezava o titulo de PAULISTA do que o nome de brasileiro”. Mais tres annos, e eil-o, em 1884, na Assembléa paulista, a guerrear o poder central: “Negam-nos tudo! Quando quereremos progredir, ostentam-se contra nós os anneis da engrenagem centralizadora; occupam nossos empregos com gente estranha á nossa vida, aos nossos interesses e aos nossos meios de acção . . .” “A persistencia na injustiça, com que os paulistas, polacos de uma nova Russia, são tratados, parece trazer o intuito de nos coagir a procurar uma NOVA PATRIA”.

A idéa amadurecia, lentamente. E em 1887, ella explóde, violenta, aos borbulhões.

Com seu nome legitimo, ou sob o pseudonymo de NEMO, entra MARTIM FRANCISCO em lucta

franca, a peito descoberto, a pleitear a separação. Faz calculos, revolve estatisticas, tira conclusões. Verifica, assombrado, qual a contribuição de SÃO PAULO para o Brasil, por anno, por mez, por dia, por hora. Espanta-se, quando descobre que SÃO PAULO dá ao imperio, POR DIA, 54:797\$520 (hoje SÃO PAULO dá MAIS DE DOIS MIL CONTOS, TAMBEM POR DIA, INCLUSIVE FERIA-DOS, DOMINGOS E DIAS SANTOS...) E comenta, mordaz: “Ando desconfiado de que meus coprovincianos descendem em linha recta de JESUS CHRISTO: este pagou todas as culpas do genero humano; aquelles (os paulistas) pagam todos os desfalques do norte e todas as consequencias da incapacidade dos ministros”.

Arrola factos, conta casos, recorta jornaes de todo o imperio, para provar os males da ruinosa ligação de SÃO PAULO ao Brasil. Publica uma espirituosa COMEDIA, num só acto, intitulada O CASAMENTO DO MANO. Nella, figuram como personagens todas as provincias do Imperio, a lutar contra SÃO PAULO, o pagador geral, que pretende separar-se, isto é, casar com a liberdade. Faz um “summario triste” das gaffes internacionaes do Brasil, enumerando casos de fraqueza e

servilismo, para concluir: “Basta! Que obrigação tem a provincia de São Paulo de associar-se a tamanho descalabro? Habitada por gente séria, trabalhadora e briosa, ella não é, não póde ser responsavel pelo papel secundario que o Brasil representa perante o espanto do mundo civilizado”. SÃO PAULO — accrescenta — “precisa reagir com esperança de triumpho. Não é possível que o destino a condemnasse sem appello á posição de satellite de um astro cuja dignidade só tem occasos”!

Tambem naquelle tempo havia adversarios da separação. Mas a estes, MARTIM FRANCISCO responde victoriosamente. “A PATRIA PAULISTA é uma utopia...” — dizem os adversarios. Mas utopia porque? — pergunta MARTIM. “O Imperio se esborôa como um edificio velho”. “Na tempestade que se avizinha, tratemos de salvar o nosso torrão; elle representa o que ha de melhor, de mais trabalhador, de mais honesto, de mais adeantado na America do Sul”!

Falam os adversarios no perigo do exercito brasileiro. Mas — replica MARTIM — “enganam-se, illudem-se completamente os que pensam que exercito é apenas soldado que marcha; é, antes disso, soldado que come, e que recebe soldo. Diminuida a renda do Estado (do Brasil) com o pon-

to final nas arrecadações feitas em SÃO PAULO, como conter a provincia? Como castigal-a por haver commettido o GRANDE CRIME DE RECUSAR-SE A PAGAR MAIS DO QUE DEVE?"

Lembram os adversarios o ataque das outras provincias, que não se conformariam em perder a contribuição paulista. Mas — revida MARTIM — “essas outras provincias, si trabalham, não precisam da nossa; si inertes, não nos pódem fazer mal. Ninguem mais do que eu faz votos pela felicidade dellas, mas á sua custa e não á custa do contribuinte paulista”.

Ha difficuldades — bradam os adversarios. Mas — retruca MARTIM — “maiores difficuldades são as que juncam a marcha do Imperio”. “E’ difficil a tarefa? Sem duvida. Ha obstaculos? Ninguem os contesta. Mas a sub-raça que realizou a expansão guayaná antes da colonização portugueza; a expansão bandeirante, depois do cruzamento com os hespanhóes; que tomou a iniciativa da independencia em 1822, e que resolveu, EXCLUSIVAMENTE POR SI, o dispendioso problema da viação ferrea, traz em seu seio esse germen de actividade, que predestina os povos a occuparem lugar de honra nas fileiras do adeantamento hu-

mano. Abençoada utopia que faz crer no futuro de minha terra! Mais abençoada, porém, deve ser a convicção de que, como soldado de meu tempo, eu só peço o que é possível, só aconselho o que é pratico, **SO' ANNUNCIO O QUE FATALMENTE HA DE SER TRAZIDO PELA LOGICA DOS ACONTECIMENTOS**".

"As circumstancias do paiz impedem a separação" — arguem os adversarios. "Mas — rebate **MARTIM** — é contra essas circumstancias que a propaganda se levanta. E' claro que se ellas não existissem, a separação estava feita..."

Conhecedor profundo do meio e da nossa gente, **MARTIM FRANCISCO** põe-se a retratar o ambiente paulistano. Relembra como era vivaz o pensamento e o desejo da separação, nas conversas diarias, nas reuniões intimas, por toda parte. Paulistas de todas as classes sociaes falam por sua bocca. Aqui é o **COMMERCIANTE**: "Eu pago hoje tres vezes mais imposto do que deveria pagar. Si **SÃO PAULO** fosse independente, eu deixaria fortuna e prepararia meus filhos contra a possibilidade da miseria". Alli é o **LAVRADOR**: "O governo do Brasil não me garante! Vae acabar o braço escravo e eu quasi não posso manter a producção na minha fazenda. A lei de locação de ser-

viços não presta; foi redigida por ministros do norte, que desconhecem as condições do sul do império". Depois é o ECONOMISTA: "Com quatro a cinco mil contos de renda provincial, esta provincia é a primeira do Brasil. Que seria ella si gastasse comsigo tudo o que paga?" E' finalmente a voz do ANTHROPOLOGISTA: "Temos em nossa historia a energia expansiva; ANTONIO RAPONSO, o destruidor de GUAYRA', e BUENO DA VEIGA, o adversario dos emboabas, pagaram menos, obedeceram menos á metropole, do que nós, paulistas de hoje, ás ordens da Rua do Ouvidor..."

MARTIM FRANCISCO não comprehende que attitudes dubias venham protelar a marcha da separação. Com olhos no julgamento dos posteros, explode nesta invocação grandiloquente: "A geração de amanhã, quando estudar as condições actuaes da provincia, espantada, dirigirá ao passado, que seremos nós, afflictivas interrogações. Porque esperaram tanto tempo? Porque toleraram tanto? Aos que dizem que convem attender ás outras provincias, que o movimento simultaneo é melhor, que é muito cedo, etc., o patriotismo paulista, que quer, trabalha e ha de obter a sua independencia, tem o direito de atirar esta affirmativa: VÓS ADIAES A FELICIDADE DA GE-

RAÇÃO QUE NASCE! VÓS ESTAES ROUBANDO AO FUTURO” (S. PAULO INDEPENDENTE, 1887, typ. União).

e) PACHECO E SILVA, FERNANDO DE BARROS, ALBERTO SALLES, MARTIM FRANCISCO, uma pleiade brilhante de paulistas.

Mas nem eram vozes isoladas. Eram portadores do pensamento geral, das aspirações da maioria consciente de SÃO PAULO.

Tenho em meu poder um jornal daquelle anno: o n.º 5.º da VIDA SEMANARIA, redigido pelo poeta EMILIANO PERNETTA, com collaboração de homens conhecidos da época. Nesse numero, datado de 8 de maio de 1887, vem publicada uma caricatura, reproduzida de um jornal de RECIFE (“João Fernandes”), onde SÃO PAULO, sob a forma de um asno, dá couces num indio panchudo e brachy-plati-cephalo, que representa o NORTE. A resposta do jornalista de SÃO PAULO, pelos seus termos violentos, bem mostra o estado de espirito apaixonado dos nossos patricios de 87. “Eis o que é a arte nortista! — responde o paulistano. Eis o que é a justiça pernambucana! Eis o que é a delicadeza do jornalismo dos guerreiros mascates! A patria dos desfalques não podia produzir coisa melhor do que o FAC-SIMILE

dos proprios couces. Quanto mais ladra, mais insolente... Vomita no pagador, mas arrecada-lhe o cobre. PERDI A HONRA, MAS GUARDEI O DINHEIRO... A phrase é de JUVENAL: parece que o poeta romano advinhára o norte do imperio do Brasil..."

Era assim o ambiente em SÃO PAULO. Ao lado dos espiritos calmos e reflectidos, havia os exasperados e violentos, que não perdoavam nada. Esse jornal era um simples reflexo do vulcão paulista.

f) Mas o separatismo não fica apenas no espirito dos individuos. O grito inicial toma corpo e se crystaliza. Agora, no proprio seio dos partidos politicos, a idéa penetra e se enraiza.

Com effeito: No dia 13 de maio de 1887, no CLUB REPUBLICANO de Campinas, o DR. UBALDINO DO AMARAL, um dos chefes eminentes do Partido Republicano, faz estrondosa conferencia, que fica celebre naquelle tempo, adherindo integralmente ao ideal separatista.

Defende UBALDINO o programma de seu partido: a REPUBLICA FEDERATIVA. Mas esclarece: "Não sei nem tenho competencia para dizer qual seja a opinião do PARTIDO REPUBLICANO sobre a SEPARAÇÃO. A meu ver, á ferrenha unidade actual, é bem possivel, é até muito

provavel que succeda a **DESAGREGAÇÃO DAS PROVINCIAS**, para depois constituir-se definitivamente a federação”. “A propaganda **SEPARATISTA** — accrescenta — **NÃO E’ OBRA DE PARTIDO ALGUM, E A TODOS ESTA’ INFLUENCIANDO; TALVEZ NÃO ESTEJA LONGE DE APODERAR-SE DELLES E DE TRANSFORMAL-OS.** Quanto a nós, que queremos **ESTADOS FEDERADOS**, não me parece desacerto **COMEÇAR POR FAZER ESTADOS, PARA DEPOIS FAZER FEDERAÇÃO**”. **UBALDINO** é logico, é claro, é simples. Si a **FEDERAÇÃO E’ UMA ASSOCIAÇÃO DE ESTADOS**, como contractar essa associação, sem promover, previamente, a formação das partes contractantes, isto é, dos **ESTADOS**?

Aos que allegam a identidade de origem, tradições e crenças, como argumento anti-separatista, o chefe republicano redargue: “Si a identidade de origem, tradição e crenças determina os limites das nacionalidades, tinham razão os recolonizadores, que pretendiam restaurar o dominio portuguez no Brasil”. Nesse caso, tambem “as republicas hispano-americanas deviam constituir um só estado, justificando **ROSAS, LOPES** e outros malogrados conquistadores...” “Quem já traçou — pergunta **UBALDINO** — as linhas onde começa e

onde termina o direito dos povos á independencia?”
“Está por demonstrar que não seja scientifico cada um viver dos seus recursos”. “Si o Imperio é uma familia — prosegue ainda — nada mais natural do que **IREM SE EMANCIPANDO OS FILHOS**, á proporção que adquirem capacidade para reger suas pessôas e bens”. “Si o imperio é uma associação, **O DIREITO NÃO RECONHECE SOCIEDADES PERPETUAS, NEM ADMITTE QUE ALGUM DOS SOCIOS CONTRIBUA INDEFINIDAMENTE COM CAPITAL E INDUSTRIA, EM PROVEITO EXCLUSIVO DOS OUTROS, QUANDO REPETIDOS BALANÇOS ANNUNCIAM A RUINA SOCIAL**. Quem sente-se capaz de trabalhar, despede-se da **SOCIEDADE FALLIDA**” (Conferencia, typ. Jorge Seckler, 1887).

E’ assim que se manifestam os paulistas de 1887. Homens altivos, briosos, que não julgam sufficiente ter idéas, mas têm a coragem de affirmal-as. Homens que não comprimem, não deformam o seu pensamento. Homens que não ruminam, nem occultam, como producto de um crime, o seu desejo de liberdade. Homens de alma larga, de patriotismo vigoroso, que collocam **SÃO PAULO**, sua patria, acima de interesses pessoaes, acima de ambições vulgares, acima dos proprios partidos.

A conferencia de UBALDINO é uma provocação ao Partido Republicano. Como chefe, elle exige, discretamente, que o seu partido se pronuncie.

Succede, então, uma comedia extraordinaria.

A S E P A R A Ç Ã O E O P A R T I D O R E P U B L I C A N O

Em fins de maio de 1887, deve reunir-se, em SÃO PAULO, o congresso do Partido Republicano. E como São Paulo inteiro, pela vontade de seus filhos conscientes, trabalha pela separação, nada mais natural do que reflectir a opinião publica sobre a vida interna do Partido.

A' approximação do Congresso, animam-se os separatistas. Em reuniões previas, estudam o problema e deliberam que o Congresso deve manifestar-se sobre o movimento e adoptar a separação como programma.

SALDANHA MARINHO, pernambucano de nascimento, mas identificado com SÃO PAULO, cujos destinos presidira e onde mantinha sua banca de advogado notavel, tem oportunidade de

pronunciar-se sobre o separatismo. E' favoravel á idéa. Como UBALDINO, acha que SÃO PAULO deve separar-se, constituir-se em ESTADO LIVRE, para depois promover a FEDERAÇÃO, si conveniente. O centro, o RIO DE JANEIRO, a Côrte, é para elle a grande desgraça. Enumera os males que o centro causa a todo o imperio, allude á vida artificial á custa dos cofres depauperados das provincias e, perguntando a si mesmo que devem estas fazer, responde categoricamente: "chamarem a si o que é seu; assumirem os seus direitos soberanos, tratarem por si mesmas, independentes de qualquer tutela, de acautelarem seu futuro, promoverem o seu engrandecimento e libertarem-se do jugo, já insupportavel, de um centro que as flagella". A revolução — accrescenta — ha de vir das provincias. Mas, como "todas ao mesmo tempo não estão preparadas para isso, iniciem a revolução as que têm possibilidade para ella. SALVE-SE A QUE PUDER. A' proporção que se forem libertando, irão se CONFEDERANDO..." (ALBERTO SALLES, ob. cit.). E' um separatismo integral, mas differente no seu objectivo ultimo. SÃO PAULO proclama a sua independencia, para poder, como ESTADO LIVRE, CONFEDERAR-SE. A separação, a seu ver, seria um passo para a CONFEDERAÇÃO.

Depois de SALDANHA MARINHO, é a vez de CAMPOS SALLES. O grande estadista que mais tarde seria o organizador da republica, entrega ao Congresso do Partido Republicano, por escrito, um manifesto a favor da separação. “O separatismo — diz elle — examinado á luz dos verdadeiros principios da democracia moderna e do valor real dos precedentes historicos, é inilludivelmente uma CAUSA PATRIOTICA, porque é um principio benefico”. Combate o preconceito de PATRIA GRANDE, a idéa de integridade territorial, o fetiche do “immenso colosso gigante”. “A PATRIA GRANDE — diz elle — não é condição essencial da vida nacional e da prosperidade dos povos”. Admitte uma patria pequena em tamanho, mas grande em realizações e no bem estar de seu povo. Chega mesmo a lembrar a applicação ao separatismo deste principio da mechanica: “O QUE SE PERDE EM FORÇA GANHA-SE NA RAPIDEZ” (A. SALLES, ob. cit.).

Essa a opinião de dois vultos insignes do Partido. Por ella, e pelas manifestações geraes dos republicanos favoraveis á separação, parece que o Congresso do Partido vai dar o golpe decisivo a favor do movimento.

Tal, porém, não se verifica. Porque? Qual o motivo?

Vêde, senhores:

Iniciado o Congresso no dia 30 de maio, logo no dia 31 os DRS. CARLOS GARCIA, MANOEL LOPES DE OLIVEIRA, FERNANDO DE BARROS, HORACIO DE CARVALHO, e FRANCISCO ANTONIO DE SOUZA PAULISTA, em nome dos separatistas de SÃO PAULO e como representantes dos municipios de SANTA RITA, BOTUCATÚ, SÃO ROQUE, MOCÓCA E BROTAS, apresentam uma rapida moção, propondo que o partido se manifeste a respeito da separação de SÃO PAULO.

Nada se resolve nesse dia. Entretanto, no dia seguinte, 1.º de junho, entra em discussão a proposta, sendo larga e calorosamente debatida. HORACIO DE CARVALHO declara-se favoravel ao separatismo e defende a moção apresentada. CAMPOS SALLES, tambem favoravel, lê o manifesto a que já alludimos. ALBERTO SALLES, apoiando o manifesto de seu irmão, faz a defesa do separatismo e mostra as vantagens que advirão para o Partido Republicano si transformar em adhesão official a adhesão individual da quasi totalidade de seus membros ao grande movimento. JESUINO

CARDOSO, igualmente, pronuncia-se como separatista e aprova a moção. Chega a vez de RANGEL PESTANA. O illustre jornalista, que dirige A PROVINCIA DE SÃO PAULO, não combate propriamente a separação, mas apresenta duvidas sobre a vantagem do Partido encampal-a officialmente, acabando por solicitar dos companheiros uma solução pratica e definitiva, para, como jornalista, conhecer sua posição no orgam do Partido. O unico a manifestar-se francamente contrario á moção e ao manifesto é o DR. JULIO DE MESQUITA, por entedel-os inconvenientes á bôa marcha partidaria. E' então que FRANCISCO GLYCERIO encontra uma solução aguada e timida: confessa-se favoravel á separação, mas entende que nada se deve resolver a respeito naquelle Congresso, e propõe o adiamento da discussão para o futuro Congresso do Partido (Chronologia Paulista, I, 600).

ALBERTO SALLES, que esteve presente a tudo e acompanhou attentamente os passos de seus companheiros, não póde esconder a sua revolta contra semelhante solução. E, reproduzindo em seu livro A PATRIA PAULISTA o manifesto de CAMPOS SALLES, dá seu testemunho sobre os factos, nos seguintes termos: "A leitura desse ma-

nifesto (é preciso dizel-o para honra do Partido e vergonha dos chefes que a elle se oppuzerem) foi recebida com grande enthusiasmo POR TODOS OS MEMBROS DO CONGRESSO que se achavam presentes, exceptuando-se apenas DUAS OU TRES VOZES DISCORDANTES, que o impugnaram mais por capricho do que por convicção e sciencia. Viu-se então uma anomalia no seio da democracia paulista. O CORPO DO PARTIDO MANIFESTOU-SE MAIS ADEANTADO E MAIS PREPARADO PARA RESOLVER A QUESTÃO DO QUE ALGUM DE SEUS CHEFES". E sobre o ADIAMENTO do debate, faz acremente os seguintes commentarios: "O STATU QUO só póde ser ideal de espiritos atrazados, incultos e pervertidos pela vaidade, mas nunca uma bandeira que honre um partido democratico e progressista". "Atirar cégamente á margem a aspiração separatista, que com tanta pujança parece brotar no espirito e no coração de nossos co-provincianos, sem ao menos conceder-lhe as honras de uma discussão superficial, ou é proceder com pouca cautela e sem a minima circumspecção politica, ou então é dar lamentavel demonstração publica de indifferença e de abandono, na grande obra de orientação politica" (ob. cit.).

Em verdade, a razão estava com ALBERTO SALLES. Naquelle tempo, em que havia liberdade de pensar e de propagar as idéas, em que a separação de SÃO PAULO podia ser e era debatida livremente em jornaes, folhetos, livros e comícios, em que o desmembramento era considerado uma solução como outra qualquer e jamais um crime, e os separatistas não eram tidos como inimigos de SÃO PAULO, mas sim como sinceros defensores dos interesses e do futuro de sua terra, realmente não se explicava a solução frouxa e amorpha do adiamento.

O adiamento não matou o separatismo; mas tirou-lhe elementos de vida e de realização. Incluído no programma do Partido, ou mesmo abertamente combatido, seria possível a propaganda franca ou a lucta fecunda. O adiamento, o systema do “vamos deixar tudo como está para ver como fica” foi um golpe amortecedor e infeliz.

Não matou o separatismo, porque os separatistas, que constituíam a maioria pensante do Partido Republicano e dos outros partidos monarchicos, continuaram a agir e a firmar suas convicções, publicando os seus livros e folhetos. Mas, de certa fórma, para a massa irreflectida e ignorante,

o adiamento foi considerado uma condenação da idéa. Antes não houvesse sido formulada a moção ao Congresso. Então, a campanha poderia proseguir por fóra, na sua esphera legitima, **ACIMA DE TODOS OS PARTIDOS.**

ILLUSÃO E CONFUSÃO DOUTRINARIA

Mais que o adiamento, o maior inimigo do separatismo foi a confusão de idéas de alguns de seus adeptos, confusão nascida da propaganda federalista.

Chefes republicanos fazem crer que a **FEDERAÇÃO** é uma solução satisfactoria, e possivel mesmo sem a **SEPARAÇÃO PREVIA**. Colloca-se, assim, o problema paulista sob um dilemma astucioso, mas enganador e dissolvente: **FEDERAÇÃO OU SEPARAÇÃO**. Em vez de lutar pela realização do ideal, pura e simplesmente, já se admite uma transigencia, uma conciliação, um remendo, um palliativo: a **FEDERAÇÃO**.

Neste ponto, cumpre esclarecer a verdadeira posição historica do movimento.

A pergunta natural, que salta ao espirito de qualquer de nós, é a seguinte: como explicar, ante

a situação actual, que os separatistas de 1887 achassem razoavel substituir o ideal separatista pelo federalista? Como justificar a falta de visão clara desses homens admiraveis?

O enigma não é tão complicado como parece.

Os paulistas daquelle tempo, os paulistas que promoveram a republica e admittiram a FEDERAÇÃO como solução satisfactoria, assim procederam porque faziam da FEDERAÇÃO uma idéa bem differente da idéa actual. Achavam elles que a proclamação da REPUBLICA FEDERATIVA importaria na absoluta SEPARAÇÃO ADMINISTRATIVA, POLITICA E ECONOMICA DE SÃO PAULO. A FEDERAÇÃO, para elles, confundia-se, equivalia a uma CONFEDERAÇÃO DE ESTADOS INDEPENDENTES. SÃO PAULO passaria a formar um verdadeiro ESTADO, ligado a outros (samente os do sul, como planejavam muitos), por laços amigos, por uma simples alliança defensiva contra o inimigo externo, por uma representação internacional.

E' o que havia sido proclamado no manifesto republicano de 1870:

“O regimen da FEDERAÇÃO — reza esse manifesto — baseado na INDEPENDENCIA RECIPROCA DAS PROVINCIAS, ELEVANDO-AS A’

CATEGORIA DE ESTADOS PROPRIOS, *UNICAMENTE LIGADOS* PELO VINCULO DA NACIONALIDADE, E DA SOLIDARIEDADE DOS GRANDES INTERESSES DE *REPRESENTAÇÃO E DE DEFESA EXTERIOR*, é aquelle que adoptamos...” Notae bem: seria uma união apenas para *REPRESENTAÇÃO E DEFESA EXTERIOR*.

E’ o que tambem assegura CAMPOS SALLES:

“O meu ideal se concretizava na forma *RADICALMENTE FEDERATIVA DA AMERICA DO NORTE OU DA REPUBLICA HELVETICA*. A *MINHA ASPIRAÇÃO ERA O ESTADO SOBERANO DENTRO DA UNIÃO SOBERANA*, ambos com os tres poderes politicos como orgams da sua *SOBERANIA*” (Manifesto de 1897, ao pleitear a eleição á Presidencia da Republica).

E’ o que asseveram os proprios chefes monarchistas, como o *CONSELHEIRO GAVIÃO PEIXOTO*, no Congresso do Partido Liberal de 19 de maio de 1888:

“Depois da emancipação dos negros, o paiz péde a emancipação dos brancos, que parece impossivel com a actual organização politica; si quizermos evitar a centralização mortifera, que aniquila as provincias, força é constituil-as em *ESTA-*

DOS CONFEDERADOS” (VEIGA FILHO, O Estado de São Paulo, pg. 37).

Assim, illudidos por semelhante idéa de FEDERAÇÃO, os paulistas transigem, acreditando que a FEDERAÇÃO AMPLA lhes dará todas as vantagens da SEPARAÇÃO.

I L L U S Ã O R E P U B L I C A N A

Essa foi a illusão FEDERALISTA, a ILLUSÃO INICIAL. Logo mais, vem a ILLUSÃO REPUBLICANA.

Com effeito: em 15 de novembro de 1889, acreditam os paulistas que, de facto, estão realizados todos os sonhos de seu passado glorioso. SÃO PAULO passa a ser um ESTADO. E, na terminologia da época, um ESTADO era, realmente, um PAIZ INDEPENDENTE. FERNANDO DE BARROS, em sua propaganda separatista, já o dissera: “Quando verei esta palavra PROVINCIA substituída por ESTADO, ainda que isto obrigue o DR. PESTANA a substituir o titulo de seu tão conceituado jornal?”

Um jornalista francez, o sr. MAX LECLERC, enviado especial do JOURNAL DES DÉBATS, teve

a oportunidade de acompanhar em SÃO PAULO os acontecimentos e de sondar a opinião dos paulistas sobre a republica. Com olhos de estrangeiro, imparcial e insuspeito, eis o que descreve, em 1890, para o jornal parisiense:

“No dia 16 de novembro, os republicanos haviam proclamado em SÃO PAULO a REPUBLICA DE SÃO PAULO, sem duvida muito pouco preocupados com o resto do Brasil. A REPUBLICA DE SÃO PAULO já tinha seu hymno nacional, sua bandeira. Esta bandeira (em 1890) ainda não desapareceu: ella é preta, branca e vermelha, mas ainda não se está de perfeito accordo sobre a disposição das côres. A imprensa paulista discute, com o maior sangue frio, as vantagens que o ESTADO DE SÃO PAULO vai tirar do regimen federativo. SÃO PAULO era a vacca de leite do imperio; o Thesouro tirava delle os seus melhores recursos. Todo esse dinheiro NÃO IRA’ MAIS PARA O RIO; A MAIOR PARTE FICARA’ EM SÃO PAULO; já se discute sobre a maneira de empregal-o”. Observa ainda o jornalista francez que os paulistas, em 1890, falam muito num agrupamento novo de ESTADOS, devendo o PARANA’ ser annexado a SÃO PAULO. E conclue, de maneira positiva: “ANTES A SEPARAÇÃO QUE

UMA REPUBLICA CENTRALIZADA — me diziam em SÃO PAULO pessoas de muita influencia” (Lettres du Brèsil, 1890).

SÃO PAULO é um ESTADO LIVRE, que livremente vae decidir de seu destino. Como ESTADO LIVRE, não poderá fazer parte do Brasil á força. Só por LIVRE CONSENTIMENTO, por accordo, por adhesão. E é por isso que o primeiro decreto do governo provisorio republicano paulista declara o seguinte: “O ESTADO DE SÃO PAULO *ADHERE A’ REPUBLICA FEDERATIVA BRASILEIRA*, nos termos em que foi proclamada pelo Governo Federal com o decreto n.º 1 de 15 do corrente”.

Vêde bem: é uma *ADHESÃO EM TERMOS*. SÃO PAULO participará da Federação brasileira, *NOS TERMOS* do decreto n.º 1 do Governo Federal. Ora, esse decreto n.º 1, de 15 de novembro de 1889, considera os novos ESTADOS não apenas *AUTONOMOS*, mas na realidade *SOBERANOS*. “Cada um desses ESTADOS — reza o artigo n.º 1.º desse decreto — *NO EXERCICIO DE SUA LEGITIMA SOBERANIA*, decretará opportunamente a sua constituição definitiva, elegendo os seus corpos deliberantes e os seus governos”. E esse decreto é assignado pelo MARECHAL DEO-

DORO e por todos os seus ministros, inclusive RUY BARBOSA, que não podia ignorar o significado das expressões “LEGITIMA SOBERANIA”...

Nem é só. Logo no dia 20 de novembro, cinco dias depois de proclamada a Republica, o DR. CAMPOS SALLES, ministro da Justiça do Governo Provisorio, manifesta abertamente o proposito de conservar a promettida LIBERDADE DOS ESTADOS. Dissolve a commissão incumbida de redigir o projecto do Codigo Civil, mas a dissolve, não por ter sido nomeada pelo governo monarchico, e sim porque — diz elle — “A CONFECÇÃO DAS LEIS QUE REGULAM AS RELAÇÕES CIVIS DOS CIDADÃOS DOS DIFFERENTES ESTADOS NÃO ENTRA NA LEGITIMA ESPHERA DE ACÇÃO DO PODER LEGISLATIVO FEDERAL”. E accrescenta: “Seria restringir, em limites indevidamente preestabelecidos, a autonomia dos ESTADOS decretar, ou siquer redigir, leis obrigatorias para toda a CONFEDERAÇÃO, devendo, pelo contrario, FICAR A’ LEGISLATURA DE CADA ESTADO, A’ SUA SOBERANA INICIATIVA E LIVRE COMPETENCIA O DIREITO DE REGULAR COMO A CADA UM DELLES MAIS CONVENHA AS RELAÇÕES CIVIS DOS CIDADÃOS QUE O COMPOEM”.

Quer dizer: pela palavra de CAMPOS SALLES, Ministro da Justiça, em nome do Governo Provisorio, SÃO PAULO SERIA UM ESTADO SOBERANO, UNIDO AO RESTO SIMPLEMENTE POR LAÇOS DE CONFEDERAÇÃO, COM DIREITO A TER LEIS SUAS, SEUS CODIGOS CIVIL, PENAL E COMMERCIAL, E TUDO MAIS QUE COMPETE A UM ESTADO CONFEDERADO. Essa a promessa official...

E, diante dessa promessa, acreditando nessa promessa, SÃO PAULO EXULTA. Sentindo-se livres, os paulistas confiam. Pelas columnas do DIARIO POPULAR, o illustre DR. AMERICO DE CAMPOS transcreve o acto de CAMPOS SALLES, applaudindo-o, e accrescenta os seguintes commentarios: "E' da maior importancia tudo quanto se fizer no sentido de bem definir a base geral e positiva de limitação da autonomia dos Estados que devem constituir a CONFEDERAÇÃO DOS ESTADOS DO BRASIL". "A AUTONOMIA DOS ESTADOS — continúa AMERICO DE CAMPOS — NÃO PÓDE TER OUTRA MEDIDA SINÃO A PROPRIA AUTONOMIA, salvo limitações de NATUREZA PRECARIA E VARIÁVEL exigidas pelo

interesse da propria collectividade” (CAMPOS PORTO, Apontamentos para a Historia da Republica, pg. 354).

Os paulistas acreditam... Os paulistas illudem-se...

E, para provar mais categoricamente o estado de espirito e as illusões republicanas dos paulistas, basta ler o artigo 1.º do Projecto de Constituição do ESTADO, formulado pelo grande paulista DR. AMERICO BRASILIENSE DE ALMEIDA MELLO. Diz esse artigo, textualmente:

“O ESTADO DE SÃO PAULO, COM OS LIMITES ACTUAES, FICA CONSTITUIDO EM *REPUBLICA REPRESENTATIVA*, fazendo parte da federação brasileira. Em suas relações officiaes, **INDISTINCTAMENTE SE DENOMINARA’ ESTADO DE SÃO PAULO** ou *REPUBLICA DE SÃO PAULO*”.

Esse artigo esclarece o pensamento paulista da época. E’ verdade que não foi approved pelos constituintes; mas o artigo 1.º da Constituição de 1891, dois annos depois da Republica, declara ex-

pressamente que o ESTADO DE SÃO PAULO se constitue "*AUTONOMO E SOBERANO*".

Eis ahi: diante disso, assim illudidos, fiando na seriedade dessas promessas, acreditando na sinceridade e na execução das palavras da lei, os separatistas de 1887 vão cedendo terreno, pouco a pouco... Um verdadeiro estellionato politico...

Mas um bello dia, o MARECHAL DEODORO, lá no RIO DE JANEIRO, lá no Brasil, dá o celebre GOLPE DE ESTADO, rompendo a Constituição, dissolvendo o Congresso. Logo depois, surge FLORIANO PEIXOTO, illegalmente, no poder... E começam as derrubadas... E o governador paulista, AMERICO BRASILIENSE, é deposto...

E o paulista cáe em si. E vem o desapontamento. E o paulista percebe que FEDERAÇÃO, CONFEDERAÇÃO, AUTONOMIA, SOBERANIA, tudo é puro sonho, mera illusão, irrealisavel no Brasil. E o paulista revolta-se, desespera-se, intimamente.

Testemunho desse desespero, reflexo dessa revolta é a carta inedita do saudoso e illustre paulista DR. ALFREDO ELLIS, escripta a EZEQUIEL

FREIRE em 9 de novembro de 1891. “O que lhe direi? — pergunta ALFREDO ELLIS. Como explicar o golpe de estado que tanto procurei evitar, trabalhando por um accordo entre os dois grandes poderes? Impossivel! Basta dizer-lhe que tenho o desespero na alma e doloridas todas as fibras de meu coração. FINIS POLONLÆ! FINIS REPUBLICÆ!” E o espirito honesto de ALFREDO ELLIS, levando-o a amargas reflexões, faz com que brade ao seu amigo EZEQUIEL: “Entramos no regimen da caudilhagem, compadre. HOJE, DESILLUDIDO, *SO’ TRABALHAREI PELA SEPARAÇÃO DE SÃO PAULO...*”

E’ assim, é sempre assim. No instante de angustia, volta o ideal antigo. E’ o paulista, embevecido ao ouvir as sereias brasileiras nos momentos de paz, a comprehender o seu problema e a sentir a realidade sómente nos momentos de desgraça...

I L L U S ã O F I N A N C E I R A

Outro elemento dissolvente do ideal separatista, foi sem duvida a illusão financeira dos paulistas.

Nos primeiros annos da Republica, crescem de modo assombroso as rendas estaduaes. De 6.000:000\$000 mais ou menos em 1889, a receita de SÃO PAULO passa a ser de 38.105:288\$542 em 1892. Por outro lado, a renda federal, que era de 19.731:675\$414 em 1889, não passa de 26.198:248\$650 em 1892. Emquanto a federal augmenta de 30%, a estadual augmenta de 600%! (Manoel Olympio Romeiro, ob. cit.).

Esse phenomeno illude os paulistas. Pensam elles que sempre irão dar mais para si proprios e menos para o Brasil. E tão grande é a illusão que, em 1896, o DR. VEIGA FILHO chega a escrever o seguinte: “A absorpção do poder central E’ HOJE UMA COISA IMPOSSIVEL (!), pela fatalidade dos acontecimentos, e pelo elasterio que tomaram os novos orçamentos estaduaes, cuja somma excede quasi um terço de todos os 53 orçamentos provinciaes” (ob. cit.).

Triste illusão! Não julgam esses homens possivel que SÃO PAULO venha a dar, como dá hoje, 56% de todas as suas receitas, para o Brasil! Não percebem o que SÃO PAULO perde, quotidianamente, pelos effeitos da moéda má e instavel do Brasil! Não imaginam que, um dia, SÃO PAULO

havia de ver-se amarrado, tal como se vê hoje, como um condenado a trabalhos forçados, sem recursos sufficientes para o seu governo acompanhar o desenvolvimento das actividades particulares, e ao mesmo tempo obrigado a dar, todos os annos, cerca de um milhão de contos para os brasileiros...

I L L U S ã O D E H E G E M O N I A

Factor serio, positivo, e tenaz do arrefecimento do entusiasmo separatista de 1887 foi tambem a grande illusão da HEGEMONIA POLITICA DE SÃO PAULO.

Porque tiveram oportunidade de collocar tres paulistas na presidencia da Republica, os politicos fazem os paulistas acreditar que são senhores do Brasil, com a mais ampla liberdade para progredir e vencer.

E os paulistas acreditam. Não percebem que, justamente pelo facto de serem paulistas, esses presidentes da republica não pódem agir livremente, em beneficio de SÃO PAULO. Não veem que esses presidentes são vigiados de todos os lados. Não enxergam que, a qualquer gesto que beneficie

um pouco a nossa terra, chovem gritos de alarma, de inveja, ou de injuria, desde o OYAPOC á MANTIQUEIRA, ou do PARANAPANEMA ao CHUY...

Eu não estou inventando. O DR. A. COEIHO RODRIGUES, por exemplo, cidadão do PIAUHY, importante jurisconsulto, autor de famoso PROJECTO DO CODIGO CIVIL, já em 1905, durante o governo RODRIGUES ALVES, escreve o seguinte: “O Estado mais rico (SÃO PAULO) tem custado muito mais á União do que todos os outros do centro e do norte, do Rio de Janeiro”. SÃO PAULO — accrescenta elle — está querendo “polonizar o Brasil”. “Sua constituição actual já o declara soberano, e a soberania dos nossos Estados federaes consiste em TIRAR TUDO DA UNIÃO A TROCO DE NADA...” E, no entanto, num discurso proferido nesse mesmo anno de 1905, o DR. BERNARDINO DE CAMPOS confessa publicamente que SÃO PAULO não passa ainda de “uma antiga provincia imperial, APENAS RICA PARA OPULENTAR O CENTRO ABSORVENTE COM OS RECURSOS DE SEU TRABALHO, mas PAUPERRIMA PARA SI E PRIVADA DOS MEIOS ATE’ PARA A REGULARIDADE DE UMA EXISTENCIA MODESTA” (A. COELHO RODRIGUES, A Republica, 1906, 2.^a ed.).

Nem é só. Ainda está bem nitida em nossa memoria a maneira pela qual o DR. CAMPOS SALLES deixa o governo. Depois de salvar as finanças do paiz, depois de restabelecer o credito e a confiança internacional, é perseguido e victima de injurias atrozes.

RODRIGUES ALVES, o terceiro paulista, é ferozmente combatido, porque pretende embellezar o RIO DE JANEIRO, isto é, transformal-o ao menos numa parasita bonita de SÃO PAULO. Chamam-no de ATILA DAS IGREJAS. Apellidam-no de PHARAO' DAS AVENIDAS.

O paulista OSWALDO CRUZ é incumbido de sanear o RIO, livrando-o das epidemias de febre amarella, de bubonica e de variola. Seu plano é fazer o que D. JOÃO VI não conseguiu em 1808: abrir os portos do paiz ao estrangeiro. Pois bem: ante a intervenção civilizadora do sabio paulista, que fazem os brasileiros? Protestam. Reclamam. Não admittem aquelles gastos enormes (á custa de SÃO PAULO...) para matar mosquitos. Consideram-se victimas. Entendem que a campanha saneadora é um esbulho de sua propriedade, uma invasão de seu lar, uma limitação á sua liberdade. Querem a liberdade, mesmo com febre amarella, para os gozos do carnaval...

Isso tudo parece pilheria. Mas não é. Está

escripto, com todas as letras, nos jornaes e nos livros da época.

Mas o paulista, ingenuo, não sente essas misérias. Os politicos lhe garantem que SÃO PAULO está exercendo uma GLORIOSA HEGEMONIA. E o paulista acredita. E o paulista esquece o separatismo antigo.

E enquanto o paulista adormece e sonha com HEGEMONIA, o Brasil absorve os recursos de SÃO PAULO. E, enquanto o paulista embala-se aos canticos de HEGEMONIA, o Brasil faz leis para SÃO PAULO, ou contra SÃO PAULO. E, enquanto o paulista pensa que exerce HEGEMONIA, o Brasil faz dividas que SÃO PAULO irá pagar. E enquanto o paulista se convence da sua HEGEMONIA, o Brasil faz revoluções para esmagar SÃO PAULO.

*

* *

Eis ahi — meus senhores — a genese, o desenvolvimento e o declinio do movimento de 1887. Os paulistas briosos que, naquelle tempo, ha quarenta e sete annos, sonharam a libertação de sua patria, que diriam hoje, si nos vissem aqui, a lembrar o ideal que os animou?

Um delles, FERNANDO DE BARROS, talvez pudesse evocar as palavras propheticas de 6 de março daquelle anno, quando procurava impedir, como bom separatista, que seus patricios cahissem na armadilha da federação:

“Fazem a federação — disse elle — reu-nem-se os corpos deliberantes centraes e principia a nova machina a funcionar, com um Presidente da Republica em vez do Imperador. Não serão passados 5 annos, e já SÃO PAULO ha de torcer as orelhas por ter cahido na fraqueza de ter-se deixado illudir: estaremos na mesma, apenas trocados os pannos e vistas do scenario. Quem tiver um pouco de observação, estará convicto do seguinte: Seja o Brasil monarchia ou republica federada, dado o espirito FELINO do norte e a bôa fé, simplicidade honrada e escrupulosa da gente sulista, sempre o norte será quem ditará a lei, como até agora o tem feito, muito embóra, na constituição federal, tenham tentado prevenil-o, pois que ao espirito ARGUCIOSO E ARDILOSO, apanagio do norte, será facil encontrar expedientes para neutralizar essas cautelas, que por ventura tenhamos tomado” (A Patria Paulista).

Essa, a prophécia de Fernando de Barros.

Depois, seria a vez de MARTINS FRANCISCO. Rememorando que o Brasil não permittiu o estabelecimento da federação ampla sonhada pelos paulistas, sublinharia o vaticinio admiravel e o protesto ardente de sua oração proferida em maio de 1888:

“Separação! Para que ? Por que? Federae-vos comnosco; federae-vos! — gritam de longe os nossos sustentados.

Mas a federação de Norte a Sul? Com diversidade de climas, de producção, de sangue, de importação e de interesse? Isso seria mais que federar heterogeneidades: seria federar antinomias...

A federação tolera dissimilhanças, porém não aconselha, nem subordina antagonismos resultantes da posição dos continentes. Fôra mais facil federar antipodas que estabelecer governo central para povos que se alongam acompanhando o mesmo meridiano.

.....

Que tem o Imperio comnosco? Que temos nós com o que se passa na zona torrida? Somos um meio feliz. Queremos viver felizes. Sociedade não é caridade. O Imperio que trabalhe, se entende necessaria a sua

existencia. Desista, desista do programma de **FEDERAR-SE Á NOSSA RENDA...**

Em nome de minha patria, em nome de meus livros, em nome de meu tempo, em nome dos nossos direitos e dos vossos interesses, **EU PROTESTO CONTRA ESSA TENTATIVA DE FEDERAÇÃO** que, se não é um desafio ao bom senso, é uma arlequinada grotesca de estadistas em delirio!" (Abolicionismo e Separatismo, discurso de maio de 1888, S. Paulo, 1933).

E o grande **ANDRADA** proseguiria, revivendo as palavras animadoras que escreveu em 22 de novembro de 1889, ao manifestar-se sobre a Proclamação da Republica:

"Não me illudem os acontecimentos.

O que eu peço é um simples adiamento...

O separatismo independe de accidentes politicos, como os que acabam de acontecer... É a marcha do homogeneo para o heterogeneo, em sua manifestação sociologica. **UM DIA DE DESCANÇO NÃO MERECE SER JULGADO O TERMO DA VIAGEM...**" (Campos Porto, ob. cit., 387).

Essa, a voz de MARTIM FRANCISCO.

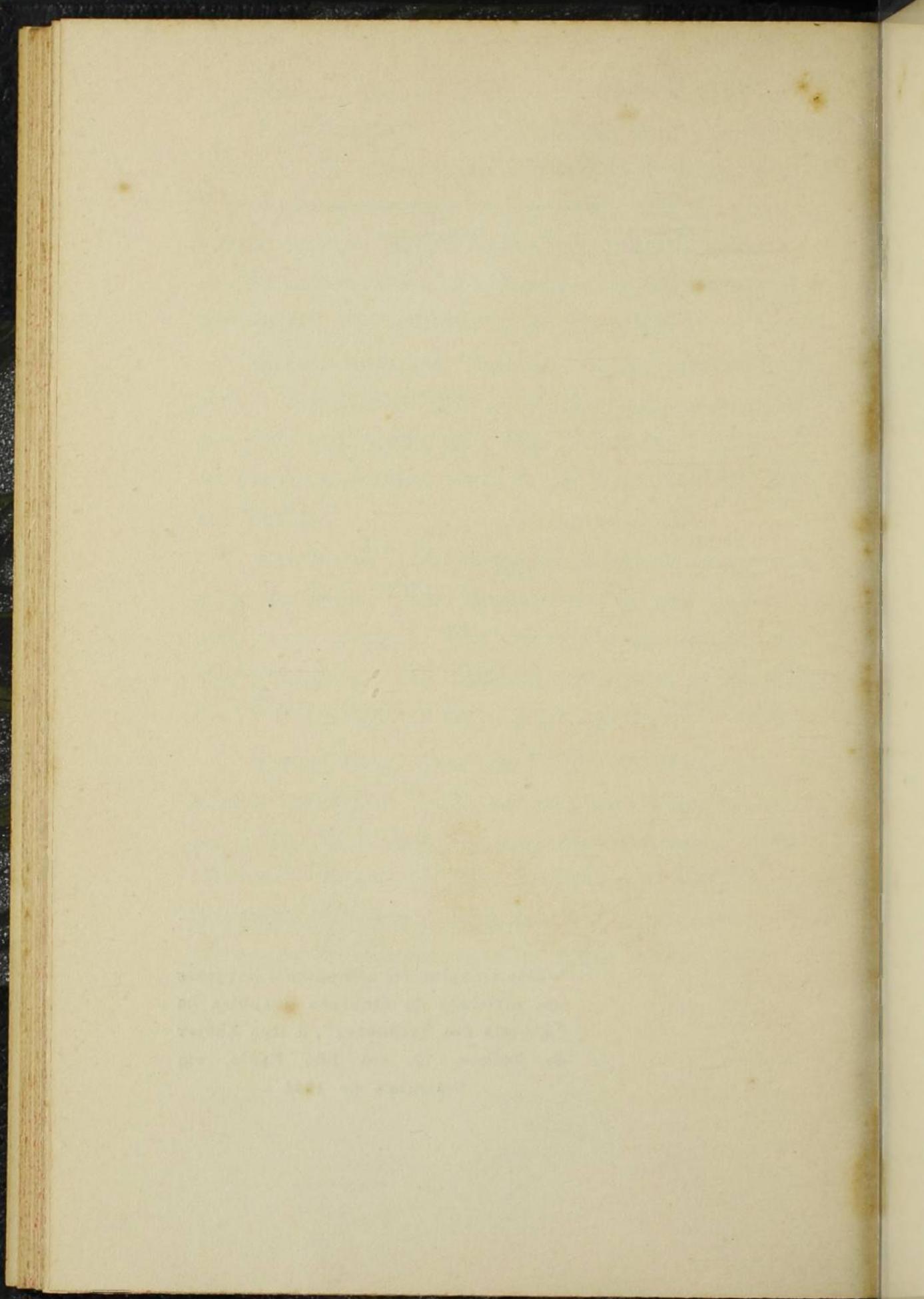
E os outros? E os paulistas que se deixaram illudir? E os que acceitaram a FEDERAÇÃO? E os que admittiram um accordo? E os que pensaram que a REPUBLICA seria sufficiente? E os que reduziram o seu desejo, que mutilaram a sua convicção, que refrearam o seu ideal?

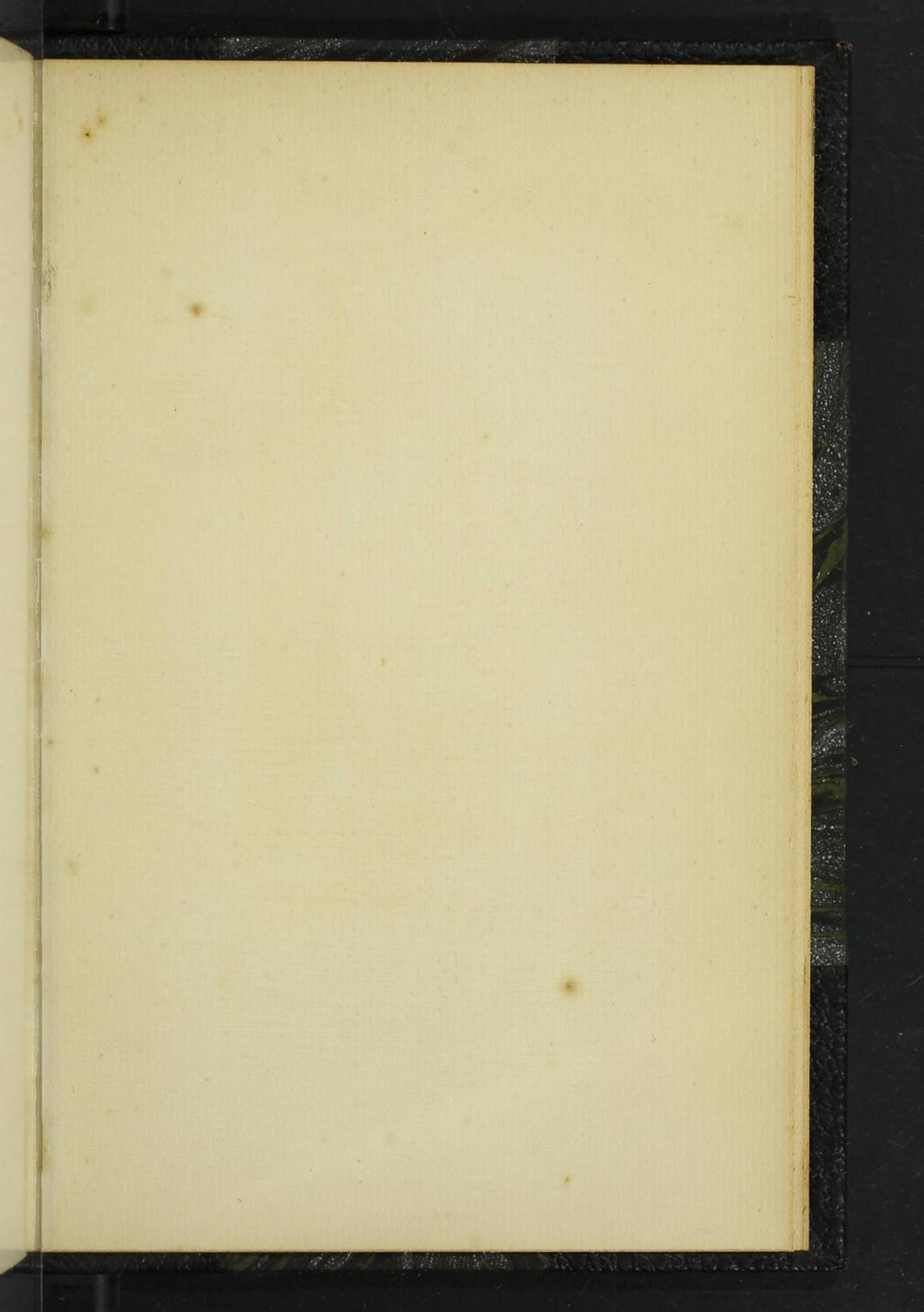
Esses, coitados, haviam de ter outra linguagem. Constrictos pelo que fizeram, mas revoltados pelo que soffremos, elles falariaem a nós, nestes nossos dias de incerteza, a palavra decisiva da experiencia:

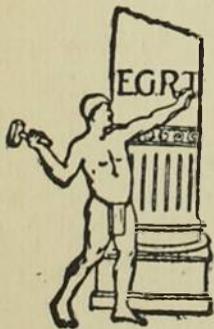
Paulistas! Nós erramos, e agora confessamos o nosso erro. Nós titubeamos, e vós padecestes por nossa causa. Nós transigimos, e vós fostes martyrizados. Nós tambem cedemos, para o bem de SÃO PAULO; e foi a desgraça de SÃO PAULO.

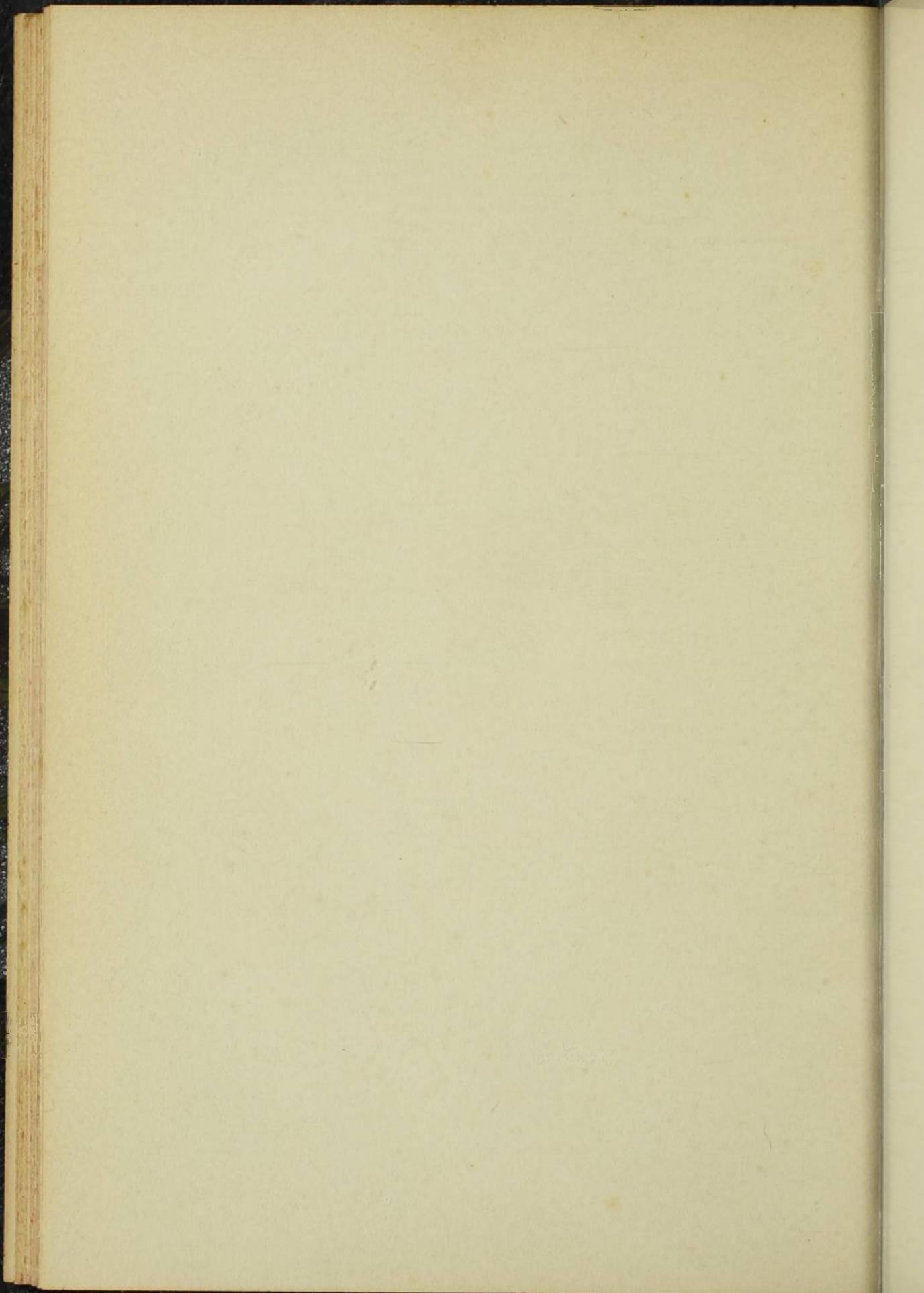
Pensai bem, paulistas! Ha um proverbio que reza o seguinte: "Si tu me enganas uma vez, a culpa é tua; si tu me enganas duas vezes, a culpa é minha." E nós diremos o mesmo. O Brasil já nos enganou uma vez. Elle ainda é o culpado. Tratai agora de impedir que a culpa recaia sobre vós.

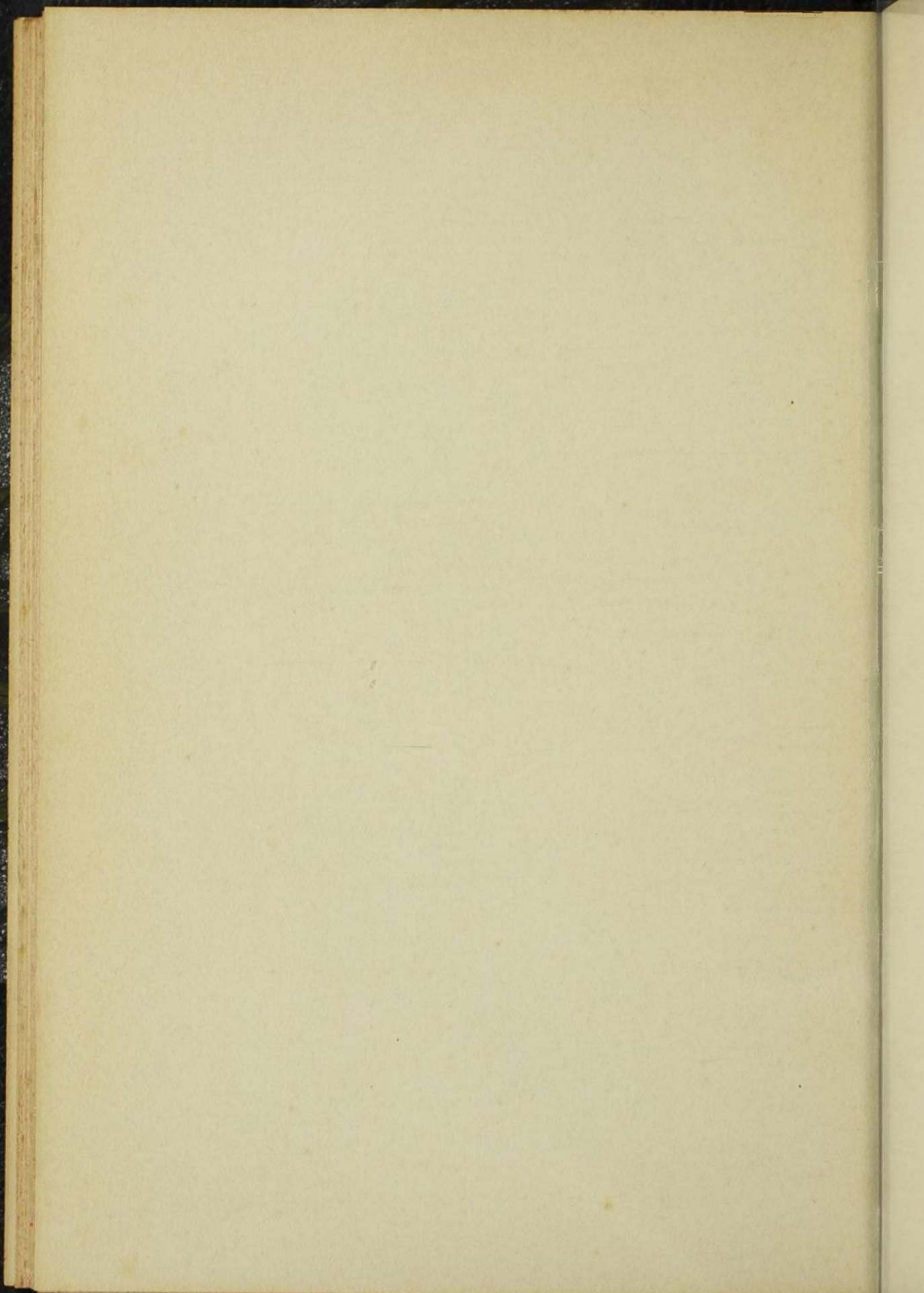
*** Este trabalho foi composto e impresso nas oficinas da Empreza Graphica da "Revista dos Tribunaes", á Rua Xavier de Toledo, 72, em São Paulo, em Setembro de 1934.**

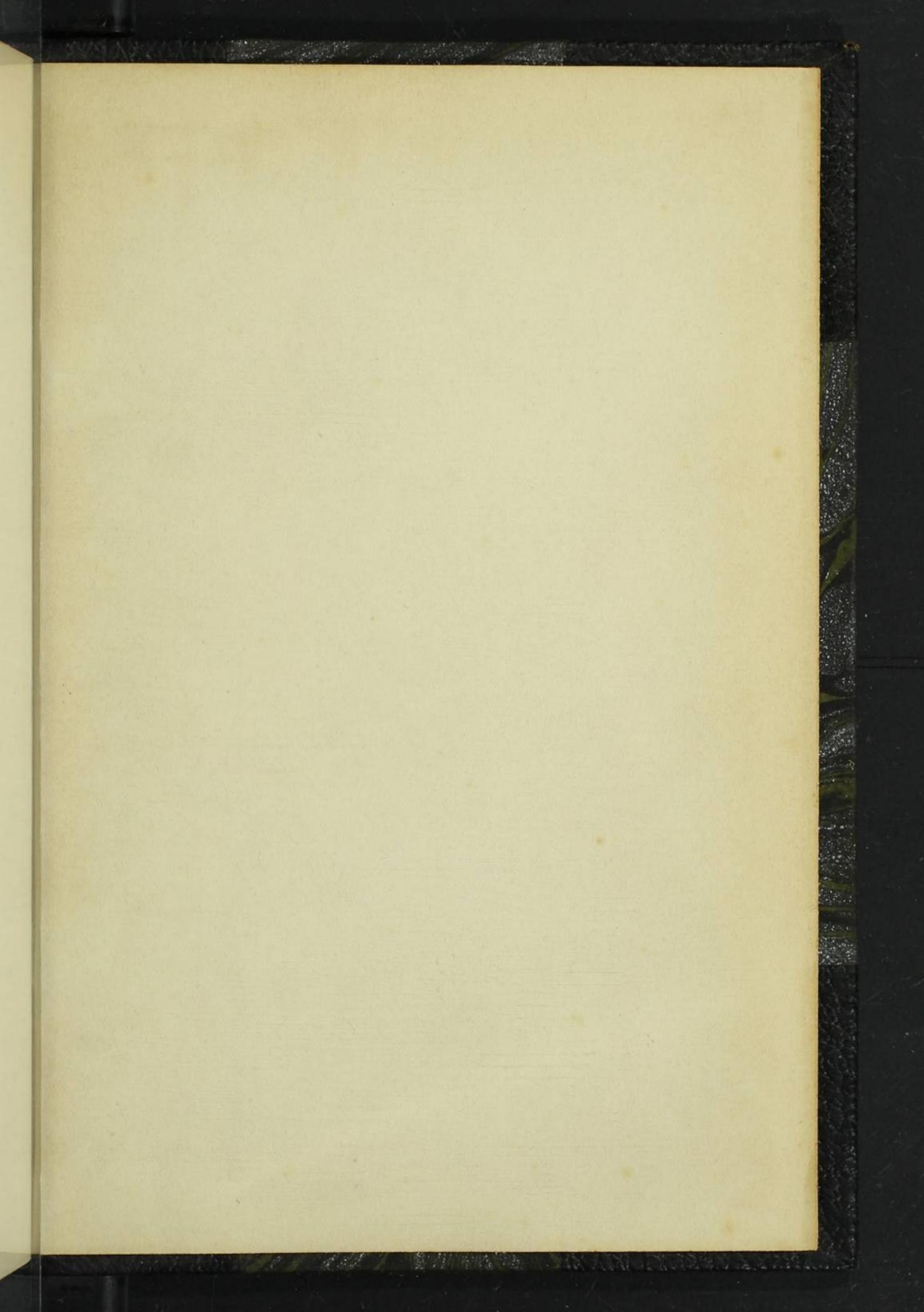












012064

